

Resposta à questão: o espiritismo é cristão?

Recebemos, de um amigo católico, um texto produzido por Cledson Ramos - disponível na Internet pelo site: www.veritatis.com.br/artigo.asp?pubid=547 - , sobre o qual iremos tecer algumas considerações. Esse articulista procura, de todas as maneiras, dizer que nós Espíritas não somos cristãos. Até onde sabemos, e já o dissemos por várias vezes, não existe nenhuma instituição oficial que tenha sido encarregada por Jesus de dar "carteirinha" de cristão aos que O seguem.

As religiões tradicionais, infelizmente, querem porque querem se apropriar dos ensinamentos de Jesus, supondo-os serem de propriedade particular delas. Julgam-se escolhidas por Cristo, para divulgá-los, com exclusividade, a toda a Humanidade. Ora, Cristo esteve entre nós há, aproximadamente, 2.000 anos e até hoje nenhuma das religiões ditas cristãs existentes conseguiu fazer com que a Humanidade inteira seguisse as pegadas do Cristo. E, pelo que vemos à nossa volta, falta muito para ela ser moralizada, conforme o Evangelho recomenda. É claro que isso não se deve aos ensinamentos de Jesus, que ainda não houve nenhum que os igualasse, em conteúdo e profundidade, mas porque não exemplificam o que pregam, deixando-nos a refletir que é "*pelos frutos é que se conhece a árvore*" (Mt 7,15-20).

Achamos deveras interessante, pois se são cristãos como dizem, deviam seguir o exemplo de Cristo, que, em nenhum momento, demonstrou menosprezo por ninguém, muito menos por motivos religiosos, antes ao contrário, teve um respeito por todos. A única coisa que O deixava "indignado" era a hipocrisia, que combateu sem tréguas. Podemos observar isso na parábola do Bom Samaritano, quando recomenda: "*Vai e faze o mesmo*" (Lc 10,37) Ele está aí nos dizendo para seguir o exemplo desse "**herético**" e, em se referindo ao centurião romano, desprezado pelos judeus por ser gentio, disse que "*em nenhum dos israelitas encontrei tamanha fé*" (Mt 8,10), ou seja, encontrou uma fé muito maior em quem nem mesmo era israelita – povo que se julgava "**escolhido de Deus**" (o tempo passa, mas algumas coisas não mudam).

Esses fanáticos, pois pensar assim só pode ser produto de fanatismo religioso, deveriam entender as recomendações de Paulo que, há muito tempo atrás, já dizia: "*Julgais as coisas só pelas aparências. **Se alguém tem a certeza de pertencer a Cristo, considere que nós somos de Cristo como ele***" (2 Cor 10,7). Assim, quem pode dizer que uma pessoa é cristã ou não, é ela mesma, mais ninguém.

Um dos piores sentimentos que podemos ter é do sectarismo, que é uma porta por onde se manifesta o nosso egoísmo. O sectarismo religioso esse então nem se fala. Infelizmente ele vem de longa data, pois existia até entre os discípulos de Jesus. Entretanto, o Mestre não deixou que, essa atitude vergonhosa, fosse a maneira de agir dos verdadeiros cristãos. É o que podemos concluir do passo narrado por Lucas: "*E João começou a falar: 'Mestre, vimos alguém expulsando demônios em teu nome e quisemos proibi-lo, porque não te segue conosco'. Mas Jesus respondeu: 'Não proibais. Quem não está contra vós, está a vosso favor'*" (9,49-50). Por que será que estes que se dizem "**únicos e autênticos**" cristãos não observam isso? Será por orgulho? Estariam querendo "*sentar nos lugares de honra nos banquetes*"? Será que é sobre eles que Jesus nos alertava:

"Os doutores da Lei e os fariseus têm autoridade para interpretar a Lei de Moisés. Por isso, vocês devem fazer e observar tudo o que eles dizem. Mas não imitem suas ações, pois eles falam e não praticam. Amarram pesados fardos e os colocam no ombro dos outros, mas eles mesmos não estão dispostos a movê-los, nem sequer com um dedo. Fazem todas as suas ações só para serem vistos pelos outros. Vejam como eles usam faixas largas na testa e nos braços, e como põem na roupa longas franjas, com trechos da Escritura. Gostam dos lugares de honra nos banquetes e dos primeiros lugares nas sinagogas; gostam de ser cumprimentados nas praças públicas, e de que as pessoas os chamem mestre. Quanto a vocês, nunca se deixem chamar mestre, pois um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos". (MT 23,1-8).

Não custa repetir o que o teólogo Huberto Rohden coloca em seu livro *Lampejos Evangélicos*:

Quem defende uma Igreja ou determinada religião pode ser um bom teólogo, rabino ou sacerdote, mas não é religioso, pois ser religioso quer dizer descobrir Deus dentro de si, como Jesus, e viver em permanente conformidade com essa gloriosa descoberta, que é o amor incondicional e universal. (ROHDEN, 1995, p. 89),

Depois dessa introdução, vejamos então o texto em questão.

O espiritismo é cristão?

Não, não é, e finalmente um espírita autêntico proclama esta verdade em alto e bom tom.

No livro "À Margem do Espiritismo" (FEB, 3ª edição, 1981, pág. 214), do espírita Carlos Imbassahy, lemos:

"Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. O espiritismo não é um ramo do cristianismo como as demais seitas cristãs. Não aceita os seus princípios nas Escrituras. Não rodopia junto à Bíblia. A discussão, no terreno em que se acha, seria ótima com católicos, visto como católicos e protestantes baseiam seus ensinamentos nas escrituras. Mas a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome espiritismo".

Será que o articulista tem pleno conhecimento para que possa capacitá-lo a separar quem é "um autêntico espírita" de quem não é? De onde ele tira as informações para dizer quais são os autênticos espíritas e quais não são? Isso é importante, pois, a maioria das vezes, ficam a confundir Espíritas com pessoas que apenas possuem faculdade mediúnica, mas que realizam outras práticas, que nada tem a ver com a que fazemos. Afirmamos que só pode ser considerado espírita "autêntico" quem segue a codificação kardequiana. Se for dentro disso que ele esteja nos separando, podemos alegrar-nos, pois já é um lucro.

Como também nos consideramos "um autêntico espírita", embora dos mais imperfeitos, dizemos em alto e bom som (não tom) que o Espiritismo é cristão.

Talvez o nosso detrator não saiba que no Espiritismo todos nós temos plena liberdade de pensar o que acharmos conveniente, por isso é bem capaz de estranhar que um espírita afirme que o Espiritismo é cristão enquanto outro diz o contrário: que não. Se isso acontecer na corrente religiosa que segue é provável que fosse levado à conta de herético, quem sabe não seria até mesmo excomungado? E, se estivéssemos vivendo nos tempos da inquisição, iria parar numa fogueira em praça pública, como um grande espetáculo da ignorância dos radicais que querem "convencer" aos outros pelo terror.

Assim nós, os Espíritas, podemos pensar livremente sem medo de sermos excluídos ou perseguidos. Partimos do pressuposto que ninguém está completamente de posse da verdade, já que o progresso da humanidade faz com que as verdades de ontem sejam ultrapassadas por novas verdades – as de hoje. Kardec deixa isso bem claro, quando diz: "O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque **se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, modificar-se-á sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ela a aceita**" (KARDEC, 1993a, p. 40). (grifo nosso).

Em que mereça de nós todo o devido respeito, a opinião do confrade Carlos Imbassay é pessoal. Assim como ele tem o direito de se expressar, por nossa vez, temos o direito de não comungar com esse pensamento, que, s.m.j., nem mesmo é o de Kardec, senão vejamos:

a) Revista Espírita 1858: **O ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se** sobre a imortalidade da alma, as penas e as recompensas futuras, o livre arbítrio do homem, **a moral do Cristo; portanto, não é anti-religiosa.** (KARDEC, 2001a, p. 301) (grifo nosso).

b) Revista Espírita 1859: Se considerarmos agora **a moral ensinada pelos Espíritos superiores, ele é toda evangélica, é dizer tudo: prega a caridade cristã em toda a sua sublimidade;** faz mais, mostra a necessidade para a felicidade presente e futura, porque as consequências do bem e do mal

que fizermos estão ali diante dos nossos olhos. Conduzindo os homens aos sentimentos de seus deveres recíprocos, o Espiritismo neutraliza o efeito das doutrinas subversivas da ordem social. (KARDEC, 1993b, p. 5).

c) Revista Espírita 1860: **Com efeito, o Espiritismo se apoia essencialmente sobre o Cristianismo; não vem substituí-lo, completa-o e veste-o com uma roupa brilhante.** (KARDEC, 2000, p. 366) (grifo nosso).

d) Revista Espírita 1861: **O Espiritismo**, ao contrário, nada tem a destruir, porque **se assenta sobre as próprias bases do cristianismo; sobre o Evangelho, do qual não é senão a aplicação.** Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, assim como alguns o pretendem, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma às expensas de suas irmãs mais velhas: **é uma doutrina puramente moral** que não se ocupa, de nenhum modo, dos dogmas e **deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças**, uma vez que **não se impõe a ninguém**; e a prova disso é que tem adeptos em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, entre os judeus e os muçulmanos. (KARDEC, 1993c, p. 301) (grifo nosso).

e) Revista Espírita 1868: Sessão Anual Comemorativa dos mortos

(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1868)

Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec

O Espiritismo é uma Religião?

“Em qualquer lugar que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu me encontro ali no meio delas”. (Mateus, cap. XVII, v. 20.)

[...]

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! sem dúvida, Senhores; **no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos**, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas; as próprias leis da Natureza.

Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, **a palavra religião é inseparável da de culto**; que ela **desperta exclusivamente uma ideia de forma**, e que o Espiritismo não a tem. **Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante**, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; **não o separaria das ideias de misticismo, e dos abusos** contra os quais a opinião frequentemente é levantada.

O Espiritismo, não tendo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não se poderia, nem deveria se ornar de um título sobre o valor do qual, inevitavelmente, seria desprezado; **eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral.**

As reuniões espíritas podem, pois, ser mantidas religiosamente, quer dizer, com recolhimento e o respeito que comporta a natureza séria dos assuntos dos quais ela se ocupa; pode-se mesmo ali dizer, se for possível, as preces que, em lugar de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem ser por isto que se entendam por assembleias religiosas. Que não creia que esteja aí um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão não vem senão da falta de uma palavra para cada ideia. (KARDEC, 1993d, p. 353-359) (grifo nosso).

Poderíamos colocar várias outras, mas, para o que queremos provar, essas já são mais do que suficientes.

Entretanto, convém ressaltar que, no início, Kardec fez questão absoluta de evidenciar somente o aspecto científico do Espiritismo, já que não queria que ele fosse tido como mais uma religião, pois se o fosse, seria apenas mais uma religião. Como as pessoas estavam acostumadas ao conceito de que para ser religião deveria ter hierarquia, ritos, sacramentos, sacerdotes, etc., e o Espiritismo não possuindo nada disso, preferiu destacar o aspecto

científico, nada mais que isso.

O espiritismo nega dezenas de verdades cristãs proclamadas ao longo dos séculos:

Devemos fazer uma pequena, mas importantíssima, correção nessa frase, pois o Espiritismo não nega nenhuma verdade cristã, nega as "verdades" imposta a ferro e fogo pela Igreja de Roma. E como, em matéria de teologia, ela não tem nenhuma primazia sobre quem quer que seja, preferimos ficar com nossa interpretação sobre o que Jesus disse, sem aceitar os dogmas impostos como "verdades". E, dentro disso, podemos e devemos mesmo negar, se for o caso, até centenas dessas "verdades", desde que não estejam, evidentemente, entre as que consideramos realmente de Cristo.

1. A Bíblia

Pela frase acima, vemos que a Bíblia é uma das verdades negadas pelo Espiritismo. Seus doutrinadores se referem a esta em tom jocoso ou de superioridade, cegos por seu próprio orgulho, como outros tantos do passado:

Voltaire, filósofo francês, que morreu em 1778, disse que depois de 100 anos de sua morte, o Cristianismo sumiria. A circulação da Bíblia aumentou. E 50 anos depois a Sociedade Bíblica de Genebra usou a gráfica e residência de Voltaire para imprimir Bíblias!

Nem iluministas e maçons como Voltaire, ou kardecistas hão de conseguir reduzir o papel da Bíblia. Hoje, a Igreja divulga a Bíblia, de modo que cerca de 98% da população do globo pode ter acesso a ela. Mais que isto, é o próprio Jesus que diz:

"E eu vos garanto: enquanto não passar o céu e a terra, não passará um i ou um pontinho da Lei". (Mt 5,18).

Quando citam a Bíblia, os espíritas chegam mesmo a fazer distorções grosseiras.

O Sr. Americo Domingos Nunes Filho, no livro "Por que sou Espírita" que o diga:

- Citou Mt 18,8-9 e esqueceu a última palavra do versículo: "sereis lançado no inferno de fogo eterno". Bem, a eternidade do inferno contraria a tese espírita de que todos alcançaremos a perfeição!

- Em Gn 44, 5 atribui a José o "a taça de fazer adivinhações", quando esta, na verdade, era do faraó do Egito.

- Quantas mais eu poderia citar aqui? Não precisa. A FEB (Federação Espírita Brasileira) já se manifestou:

"O Reformador" no fascículo de janeiro de 1953, na página 13, sobre a Bíblia:

"Do Velho Testamento, já nos é recomendado somente o Decálogo, e do Novo Testamento apenas a moral de Jesus; já consideramos de valor secundário, ou revogado e sem valor algum, mais de 90% do texto da Bíblia".

Bem, e dos 10% restantes, os espíritas manipulam como bem querem, conforme já demonstrado neste texto e em outros do mesmo site.

Engano do detrator, não referimos à Bíblia com tom jocoso, a temos como um livro respeitável, já que faz parte da cultura religiosa de vários povos.

Mas, apesar de respeitá-la, não somos nem cegos nem fanáticos para não enxergar que, apesar de afirmarem ser ela "a palavra de Deus", nela encontramos muitas coisas contraditórias, lendas, mitologias, fatos impossíveis perante a ciência, por isso não podemos aceitá-la como totalmente provinda de Deus. Quem tenta colocá-la como "a palavra de Deus" é porque tem algum interesse oculto (dominar seus fiéis ou arrancar deles o dízimo). Como sabem que o respeito popular por esse livro "que traz a vontade de Deus" é tanto que, até por medo de "contrariar" a Deus, os fiéis fazem tudo o que dizem seus líderes religiosos, exploram justamente essa atitude para subjugar seus fiéis, impondo-lhes as suas conveniências.

Gandhi disse: "Se por acaso se perdesse todos os livros sagrados do mundo e restasse apenas o 'Sermão do Monte', nada estaria perdido". Dizemos nós: a continuar mantendo a atual forma de se interpretar a Bíblia, as crianças do futuro irão rir quando alguém for lhes

dizer que, antigamente, existiam pessoas que acreditavam piamente em tudo que consta da Bíblia.

O fato de 98% da população do globo ter acesso a Bíblia não quer dizer absolutamente nada, pois o percentual dos que possuem capacidade para entendê-la, separando o joio do trigo, é ínfimo. Atualmente há tanto fanatismo religioso que fica difícil acreditar que estamos em pleno século XXI.

Vejamos, agora, algumas passagens para saber qual era o pensamento de Jesus a respeito "da Lei e dos Profetas", se está conforme pensa o nosso articulista.

a) Lc 10,25-28: *"E eis que certo homem, intérprete da lei, se levantou com intuito de por Jesus em provas, e disse-lhe: 'Mestre, que farei para herdar a vida eterna?' Então Jesus lhe perguntou: '**Que está escrito na lei? Como interpretas?**' A isto ele respondeu: 'Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo'. Então Jesus lhe disse: 'Respondeste **corretamente**; faze isto, e viverás'"*.

Se Jesus, quando disse a respeito da Lei, estivesse se referindo a todo o Pentateuco mosaico (a Lei) estaria em contradição com esta passagem, pois considerou como correta a resposta do intérprete da lei. Somente disse o que é mais importante que está escrito na lei: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Ora, na legislação de Moisés existem muitas outras coisas para se cumprirem além dessas.

b) Lc 16,16-17: *"**A lei e os profetas vigoraram até João**; desde esse tempo vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele. E é mais fácil passar o céu e a terra, do que cair um til sequer da lei"*.

Se a Lei e os profetas vigoraram até João é porque, podemos concluir, depois de João está vigorando algo diferente, uma nova lei. Ela é nada mais nada menos que o Evangelho, ou seja, o Novo Testamento. A questão: "de toda a lei e os profetas serem cumpridos", se refere a tudo que há nelas com relação às profecias sobre a vida de Jesus. Assim, os acontecimentos que iriam ocorrer com Ele é que seriam cumpridos e não, como querem alguns, que todas as ordenações contidas na Bíblia devam ser rigorosamente seguidas. Até mesmo porque, especificamente, algumas delas Ele as alterou profundamente, como é o caso, por exemplo, da questão do "olho por olho", a do "amai vossos inimigos", etc.

c) Lc 24,25-27: *"Ele então lhes disse: '**Ó homens sem inteligência**, como é lento o vosso coração para crer no que os profetas anunciaram! Não era preciso que Cristo sofresse essas coisas para entrar na glória?' **E partindo de Moisés começou a percorrer todos os profetas, explicando em todas as Escrituras, o que dizia a respeito a ele mesmo**"*.

Após ressuscitar, Jesus caminha com dois discípulos que estavam indo para a aldeia de Emaús, e lhes explica o que nas Escrituras se dizia a respeito dele, iniciando por Moisés, percorre todos os profetas, ou seja, esclarece-lhes somente o que era importante e que deveria ser cumprido na Lei e nos Profetas. Portanto, o que Ele não veio revogar ou abolir foram as profecias contidas nas Escrituras a Seu respeito. Se tudo nas Escrituras fosse importante, não iria restringir-se só a explicar o que dizia a Seu respeito. E para provar que não estamos distorcendo os fatos, vejamos a passagem seguinte.

d) Lc 24,44-45: *"A seguir Jesus lhes disse: '**São estas palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos**'. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras"*.

Vejam, é perfeitamente claro o que Jesus quis dizer quanto ao cumprimento das Escrituras. Não era, portanto, tudo quanto existia nas Escrituras, mas somente **importava que se cumprisse tudo o que dele estava escrito nela**, ou seja, sua origem da casa de Davi (se bem que, se foi concebido por obra do Espírito Santo, isso não ocorreu), sua missão, todo o seu padecimento, que culminou com sua morte na cruz, e sua gloriosa ressurreição. Assim não há como entender de outra forma, a não ser que queiramos distorcer as palavras de

Jesus.

e) Jo 1,17: *"Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a **graça e a verdade vieram por Jesus Cristo**".*

Aqui temos uma nítida demonstração de que a Lei de Moisés não é de suma importância para os cristãos, já que a **VERDADE** veio por Jesus Cristo, e é Ele que nós procuramos seguir, e não a Moisés. Não poderemos simplesmente dizer que a Lei de Moisés não teve o seu valor, é claro que teve, entretanto, como diz Jesus, somente até João. Porque, para um povo atrasado, ela foi um importante fator de desenvolvimento moral.

Quanto ao "esquecimento" de Américo Domingos Nunes Filho, a respeito da passagem Mt. 18,8-9. Talvez não seja "esquecimento", quem sabe não seria porque ele não aceita a "tese" do inferno eterno? Porque ele sabe que não há como conciliá-lo com a misericórdia de Deus que também é infinita. Às vezes dizemos que quem admite inferno eterno não deve ter filho, pois se tivesse veria que nenhum pai colocaria um filho eternamente de castigo - no nosso caso para o resto da vida -, que dirá Deus!

Aos que se apoiam na ideia do inferno, faríamos a seguinte pergunta: Quando ele foi criado? Onde está localizado? Alguém já foi lá para nos trazer notícia dele? Ou tudo não passa de produto do imaginário dos povos pagãos? É só analisar a cultura persa que iremos encontrar a resposta.

Vejam que coisa interessante: Se Deus tivesse criado o "inferno" desde a eternidade, por que será que quando instituiu os Dez Mandamentos não disse, naquele exato momento, que quem não os cumprisse iria para o inferno? Um bom observador perceberá que as "penas", para quem não os cumprissem, estavam relacionadas com situações de uma vida terrena, não para uma vida futura, após a morte. Adão e Eva receberam vários "castigos" como consequência de terem "comido a maçã", entre eles não está "ir para o inferno". Poderemos presumir disso, que o inferno tenha sido criado depois? Se foi criado em alguma época posterior, os que viveram antes dele ser criado foram privilegiados, pois por mais que "pecassem" não poderiam ir para lá, já que o "inferno" ainda não existia.

A palavra "**inferno**" está quase sempre associada à palavra fogo, ou seja, normalmente se diz "**fogo do inferno**", cujo significado é apenas "purificação em região inferior", uma vez que fogo simboliza purificação e inferno região inferior. Quanto à palavra "**eterno**" não se deve entendê-la pelo significado atual, pois àquela época queria simplesmente dizer um tempo longo do qual não se sabia o término, portanto não é como a entendemos hoje de ser para todo o sempre.

Existe uma passagem bíblica em que o Davi percebe claramente essa questão das penas não serem eternas. Trata-se do Sl 103,8-10, que diz: *"O Senhor é misericordioso e compassivo, longânimo e assaz benigno. **Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades**".* (Narrativa pela Bíblia Anotada Ed. Mundo Cristão).

Se Deus não repreende perpetuamente e nem tem para sempre sua ira, com que lógica podemos encaixar aí a ideia de um inferno eterno?

Sempre somos acusados de distorcer os textos bíblicos, não é mesmo? Isso não provam. Mas, temos todo o direito de entendê-los de maneira diferente da interpretação deles, e é o que fazemos, só que os fanáticos veem nisso como se estivéssemos distorcendo os textos.

Distorcemos? Vejamos então o que os católicos fizeram com o versículo 9, da passagem acima citada:

a) **Bíblia Ed. Paulus:** *"Ele não vai **disputar perpetuamente**, e seu rancor não dura para sempre".*

b) **Bíblia Ed. Vozes:** *"Não está **sempre acusando** nem guarda rancor para sempre".*

c) **Bíblia Ed. Ave Maria:** *"Ele não está **sempre a repreender**. Nem eterno é o seu ressentimento".*

É-nos difícil saber o que realmente deveria estar escrito na Bíblia, já que mudam as

palavras por outras, muitas vezes, de sentido completamente diferente da ideia do texto.

Se Jesus disse: "*Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito*" (Mt 5,48), é porque temos a possibilidade de sermos perfeitos. E é pela reencarnação que alcançaremos esta perfeição sem dúvida alguma, mas pela "tese" do inferno eterno isso nunca ocorrerá.

A ideia de se penalizar alguém é para que ele aprenda a lição, não cometa mais o erro e volte a viver em sociedade, completamente reintegrado. Assim, perguntamos se Deus nos colocar no "inferno eterno" quando Ele irá nos recuperar? E mais como fica "*Não quero que nenhum desses pequeninos se perca*"? (Mt 18,14). A vontade de Deus não vale nada?

Diz o articulista que a taça não era de José, mas do Faraó, citando para apoio Gn 44,5, vejamos se lhe assiste razão, mas para isso é preciso iniciar a partir do versículo 1:

"José deu esta ordem ao mordomo: 'Coloque tudo o que puder de mantimentos dentro das sacas desses homens e ponha o dinheiro de cada um na boca das sacas. Na boca da saca do mais novo, junto com o dinheiro do trigo, coloque também a minha taça, a taça de prata'. E o mordomo assim fez. Ao amanhecer, os homens se despediram e partiram com seus jumentos. Logo que eles saíram da cidade e ainda não estavam longe, José disse ao mordomo: 'Persiga esses homens e, quando os alcançar, diga a eles: Por que vocês pagaram o bem com o mal? Por que roubaram a taça de prata que meu senhor usa para beber e fazer adivinhações? Vocês se comportaram mal'".

Ainda tem a ousadia de dizer que somos nós os que distorcem ou manipulam os textos. Ora, na passagem está claro que a taça era mesmo de José e não do Faraó. Até podemos admitir que, em tese, seja propriedade do Faraó, já que tudo em última instância pertencia a ele, entretanto como quem a usava era José, o que a coloca, na prática, como sendo de fato pertencente a José. É com ela que fazia adivinhações, quer gostem ou não.

Além do que já colocamos a respeito de Jesus sobre a questão do Antigo Testamento, podemos ainda acrescentar:

"Mas agora, livres da Lei, estamos mortos para aquilo que nos conservava prisioneiros, de sorte que podemos servir a Deus conforme um espírito novo e não segundo a letra antiga" (Rm 7,6), e

"Mas, agora, Jesus foi encarregado de um ministério tanto mais excelente quanto melhor é a aliança da qual é mediador, sendo esta legalmente fundada sobre promessas mais excelentes. Se, na verdade, a primeira aliança tivesse sido sem falhas, não teria cabimento ser substituída por uma segunda. Dizendo aliança nova, Deus declarou antiquada a primeira. Ora, o que se torna antiquado se envelhece está próximo a desaparecer" (Hb 8,6-7.13).

Assim estamos fazendo exatamente isso, ou seja, temos para nós o Novo Testamento como fonte de ensinamentos para seguir, até mesmo porque se queremos dizer que somos cristãos devemos, por coerência, segui-lo. O Antigo Testamento é para o povo judeu, não é o que somos.

2. Deus

No espiritismo, o papel de Deus é secundário. Reduz-se a um mero guarda de trânsito para o vai-e-vem dos espíritos, que estão "mergulhados no fluido divino".

Para quem nega o panteísmo, Allan Kardec e seus seguidores escorregam bastante:

Espíritos "se acham mergulhados no fluido divino" (A gênese, p. 56).

O espírita Rangel Veloso, em seu livro "Pseudos Sábios ou Falsos Profetas", Ed. 1947, pág. 34, assim se expressa ao declarar ter ouvido em centro espírita a concepção panteísta de Deus:

"Deus é uma folha de papel, rasgadinha em milhões, bilhões e não sei quantas mais divisões. Lançados esses pedacinhos de papel no Universo, cada pedacinho de papel representa um homem e um ser existente, e todos reunidos, formando o todo, é Deus".

Este não é o Deus que nós cristãos conhecemos ao longo de toda a história da humanidade. Não é o mesmo Deus que nos revelou através de Moisés e que disse: "Eu sou o que sou". (Ex 3,14).

Será que foi Deus mesmo que se revelou a Moisés? Ora, Moisés disse que falava "face a face" com Deus (Ex 33,11), Jesus, entretanto diz que "*ninguém jamais viu a Deus*" (Jo 1,18).

Essa de que Deus, no Espiritismo, tem papel secundário é pura interpretação equivocada ou produto da má-fé da parte do articulista, que, como quase todos que combatem o Espiritismo, nada sabem sobre ele. Nunca o estudou (estudar não é ler) com profundidade, caso contrário não falaria coisas absurdas como anda falando sobre o Espiritismo. Quase completando um século e meio de existência, o Espiritismo continua firme e forte, apesar de tantos "bombardeios" vindo por todos os lados desde o seu início. E isso mostra exatamente que, se não tivesse como base a verdade não teria subsistido por tanto tempo assim. E mais, podemos constatar que, ao contrário, vem crescendo cada dia mais, apesar de não fazermos qualquer tipo de proselitismo, pois respeitamos a opinião dos outros, os que vêm se ingressar em nossas fileiras estão vindo de livre e espontânea vontade.

E para mostrar que as coisas não são tão simples quanto podem parecer, quer dizer, uma simples leitura nos torna um convicto nas verdades Espíritas, vejamos o que diz Léon Denis, no livro *No Invisível*:

Os que sabem perseverar, cedo ou tarde, encontram os sólidos e demonstrativos elementos em que se firmará uma convicção inabalável. Foi o meu caso. Desde logo me seduziu a doutrina dos Espíritos; as provas experimentais, porém, foram morosas. **Só ao fim de dez ou quinze anos de pesquisa foi que se apresentaram irrecusáveis, abundantes.** (DENIS, 1987a, p. 23-24) (grifo nosso).

Para se ter uma ideia da importância de Deus para o Espiritismo, a primeira pergunta de *O Livro dos Espíritos* é: **Que é Deus?** Se Ele tivesse para nós um papel secundário, como propõe o nosso detrator, não seria essa, com certeza, a primeira pergunta. Cujas resposta foi: "*Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas*" (KARDEC, 1987, p. 45). Também pela resposta podemos ver que não tem nenhum papel secundário, não é mesmo?

Não bastasse isso, no capítulo II do livro *A Gênese*, Kardec dedica todo esse capítulo para falar sobre Deus. Para desenvolvimento desse assunto, trabalha com os seguintes subtítulos: Existência de Deus, Da natureza divina, A Providência e A visão de Deus.

A questão de Deus está em tudo, ou seja, o panteísmo, é máxima bíblica, vejamos:

a) Sb 12,1: "**O teu espírito incorruptível está em todas as coisas**".

b) Jo 14,23: "*Se alguém me ama, guarda a minha palavra, e meu Pai o amará. **Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada***".

c) Jo 17,20: "*Eu não te peço só por estes, mas também por aqueles que vão acreditar em mim por causa da palavra deles, para que todos sejam um, como tu, Pai, **estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste. Eu mesmo dei a eles a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um. Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, e para que o mundo reconheça que tu me enviaste e que os amaste, como amaste a mim***".

d) Ef 4,6: "**Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos**".

Diz-nos o escritor José Reis Chaves, no livro *A Face Oculta das Religiões*:

[...] A etimologia desta palavra é *pan* (tudo, em Grego) e *Teos* (Deus, em Grego), o que quer dizer *Deus em tudo*. Assim, podemos dizer que o panteísta crê demais em Deus, já que ele vê Deus em tudo. É, pois, uma questão melindrosa, se é que podemos dizer assim. Talvez isso seja produto de um misticismo muito profundo, que deveria merecer de todos um respeito todo

especial, ou, pelo menos nunca deveríamos tachar de ateísmo essa doutrina. Santo Agostinho, um dos maiores místicos da História do Cristianismo, disse: "Deus é mais intimamente em nós do que nós mesmos". Sem dúvida que este pensamento agostiniano nos faz pensar em panteísmo. E esse pensamento aproxima-se também da frase paulina: "Vós sois templo do Espírito de Deus", e desta outra de Jesus: "O Reino de Deus está dentro de vós mesmos".

Entre a afirmação de que *Deus é tudo e Deus está presente em tudo* há uma grande diferença. Essa diferença faz a diferença da Filosofia de tendência panteísta Oriental, ou mais presente no Oriente, da Filosofia Ocidental que, tradicionalmente, sempre viu Deus como um Ser transcendente, nas alturas, isolado do mundo, do Universo, enquanto o Oriente vê Deus como um Ser mais imanente, presente no mundo, no Universo, em tudo. (CHAVES, 2001, p. 24-25).

A passagem citada Ex 3,14: "*Eu sou o que sou*" nada tem a ver com o assunto tratado pelo articulista.

Colocamos, logo acima, a passagem Efésios 4, 6, onde se diz que "**Deus é um só**", entretanto a Igreja de Roma resolveu criar a Trindade, se bem que na verdade não criou, pois apenas a copiou de outras culturas religiosas ditas pagãs. Assim, de um Deus único, foi transformado em trinitário, que não tendo como explicar esse "três em um", dizem tratar-se de "mistério".

Com isso, já antecipamos o próximo assunto.

3. A Santíssima Trindade:

É constrangedor o silêncio de Allan Kardec a respeito da Santíssima Trindade. Fala de Jesus, embora negando sua natureza divina, e esquece o que Ele disse a respeito do "Pai, do Filho e do Espírito Santo".

Em alguns trechos, parece confundir o próprio Espírito Santo com Deus-Pai.

Vejamos a definição de "Santíssima Trindade", pelo *Dicionário Prático*, constante da Bíblia Sagrada, Edição Barca (p. 274):

O mistério fundamental do Cristianismo que consiste no fato que sendo Deus numérica e individualmente um, existe em três Pessoas distintas; ou, em outras palavras, que a essência divina, que é uma e a mesma no mais estrito e absoluto sentido, existe em três Pessoas realmente distintas entre si sendo cada uma realmente idêntica à mesma essência divina. O Pai gera eternamente o Filho; e o Espírito Santo provém de ambos. Cada Pessoa é realmente distinta da outra, cada uma é Deus verdadeiro e eterno, e contudo há um só Deus. Podemos compreender que três indivíduos humanos sejam distintos um do outro e ainda possuam uma humanidade em comum. A unidade das três Pessoas Divinas é inteiramente diferente. Quando falamos dela com **um** Deus, dizemos não só que cada uma é Deus, mas que cada uma é um e o mesmo Deus. **Este é o mistério da Trindade, incompreensível a toda inteligência criada.** (...) (o grifo é nosso).

Se o mistério da Trindade é incompreensível a toda a inteligência criada muito menos uma inteligência criada seria capaz de defini-lo, entretanto é o que acabamos de ver. Se bem que é muito difícil chamar isso de definição, pois não falaram nada com nada, quem lê fica absolutamente na mesma. Como é difícil definir o que não existe, não é mesmo? Observar que o Pai gera eternamente o Filho, ou seja, a todo instante e por toda a eternidade o Pai está gerando o Filho, então Filho não está totalmente acabado, ou estamos extrapolando?

O instituto da "trindade" é "velho como a serra", num linguajar popular, pois existem vários povos da antiguidade, não cristãos devemos ressaltar, cujos deuses formam uma trindade, vejamos, por exemplo, essas relacionadas pelo pesquisador A. Leterre:

- os Cabiras (Suméria) representavam a trindade por **Ea**, Pai -; **Istar**, Mãe -; **Tammuz**, Filho.

- os Órficos, da Grécia: **Axier**, Pai celeste - **Axiokersa**, Mãe terrestre - **Axiokers**, Filho do Céu e da Terra, aos quais apelidavam de **Zeus** - Deméter - **Dionísio**.
- nos *Mistérios de Elêusis*, a ordem é outra: O Pai é **Dionísio**, a Mãe, **Deméter**, **Iachos**, o Filho.
- na antiga Canaã, era: **Baal**, Pai -; **Astarté**, Mãe -; **Adônis Echmun**, Filho.
- no Egito: **Osíris** é Pai -, **Ísis** é Mãe -, **Hórus**, o Filho.
- na Índia é: **Brahma**, Pai -; **Shiva**, Mãe -; **Vishnu**, Filho.
- na China, era e ainda é: **Brahma**, Pai -; **Shiva**, Mãe -; **Buda**, Filho.
- na Pérsia, de Zoroastro, era: **Orzmud**, Pai; **Arimã**, Mãe; **Mitra**, Filho.
- na primitiva Germânia era: **Votan**, **Friga** e **Dinar**.
- os druidas a conheciam como: **Abred**, **Gwynfyd**, **Ceugant**.

(LETERRE, 2004, p. 45-57 passim).

Observar que todos os povos que exerceram domínio sobre o povo hebreu – egípcio, assírio, babilônico, persa, grego e romano – possuíam a sua trindade. Assim a Trindade, que algumas correntes cristãs dizem existir, foi absorvida por um processo de aculturação tardio da trindade pagã. Dizemos tardio, porque os próprios judeus que tinham tudo para absorvê-la, pois foram eles que estiveram subjugados por esses povos, não a colocaram como parte de seu sistema religioso. De fato, essa “não absorção” perdurou até após Jesus, o que podemos confirmar pelas cartas de Paulo mais à frente, só alterado no ano 381 d.C., quando a “Trindade” passou a existir para os cristãos. É aí que não dá para se entender, os que, pelas circunstâncias, tinham tudo para absorverem essa ideia dos pagãos, não fizeram. Somente muito mais tarde é que ela foi adotada.

Não existe na Bíblia nenhuma passagem afirmando a Trindade. A única passagem que encontramos, a mesma que utilizam para sustentar essa tese, foi a que contém a frase “Pai, Filho e Espírito Santo”, que não nos trás nenhum elemento de convicção que se trata de uma Trindade. Vejamo-la:

Mt 28,16-20: "Os onze discípulos foram para a Galileia, ao monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando viram Jesus, ajoelharam-se diante dele. Ainda assim, alguns duvidaram. Então Jesus se aproximou, e falou: 'Toda a autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo'".

Entretanto, como fazem as traduções da Bíblia, não nos dá a mínima segurança de que tudo está como realmente deveria ser. Vejamos um exemplo.

A passagem de 1 Jo 5,7-8, pela Bíblia Sagrada Editora Ave Maria, assim está:

"São, assim, três os que dão testemunho: o Espírito, a água, e o sangue, e estes três dão o mesmo testemunho".

Em nota de rodapé (p. 1553), lemos: “Alguns manuscritos leem os vers. 7-8 assim: São três os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estes três são um; e três são os que dão testemunhos na terra: o Espírito, a água e o sangue, e estes três são um”.

Pela Bíblia de Jerusalém, Paulus, encontramos:

"Porque três são os que testemunham: o Espírito, a água e o sangue, e os três tendem ao mesmo fim".

Explicam, em nota de rodapé (p. 2132):

O texto dos vv. 7-8 é acrescido na Vulg. De um inciso (aqui abaixo entre parênteses) ausente dos antigos mss gregos, das antigas versões e dos melhores mss da Vulg., o qual parece ser uma glosa marginal introduzida posteriormente no texto: ‘Porque há três que testemunham (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e esses três são um só; e há três que testemunham na

terra): o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só.

Apesar de que os textos da passagem serem semelhantes, as notas de rodapé variam. A da Editora Ave Maria não nos dá uma convicção do que realmente aconteceu. Entretanto, pela editora Paulus, fica claro que a glosa¹ era exatamente para tentar justificar a questão da Trindade, já que não consta dos manuscritos gregos e das antigas versões e dos melhores manuscritos da Vulgata.

A Bíblia Anotada Editora Mundo Novo - dos protestantes -, a passagem está colocada próximo do que consta da nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, mas pode levar muitas pessoas a tirar uma conclusão errada dela, pois a nota de rodapé ("*O v. 7 deveria terminar na palavra testemunho. O restante do v. 7 e parte do v. 8 não estão em nenhum manuscrito grego antigo, mas apenas em manuscritos latinos posteriores*"), não deixa muito claro que se trata de uma glosa.

No livro *Razão e Dogma*, Américo Domingos Nunes Filho, nos confirma isso, quando diz:

Conforme ressaltamos, nas páginas 30 e 31, diz Léon Denis, em sua obra "Cristianismo e Espiritismo": "Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, e depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VII, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas". Dá o exemplo da Primeira Epístola de João, capítulo cinco, versículo sete, onde as palavras dentro de colchetes foram enxertadas. É importante ressaltar que, na versão de João Ferreira de Almeida, ano de 1952, sequer consta os colchetes. Léon Denis reforça sua afirmação, citando Leblois, pastor de Strasburgo em sua obra "As Bíblias e os Iniciadores Religiosos da Humanidade": "Vimos, diz Leblois, na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do mosteiro de Saint-Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde se encontra ainda". Essa afirmação, tão importante e tão séria, foi feita por um ministro protestante, Rev. Leblois. (NUNES FILHO, 1995, p. 43-44)

Confirmando que a questão do dogma da Trindade não fazia mesmo parte do texto bíblico, mas foi acrescentado à margem, conforme demonstramos um pouco atrás tratar-se de uma glosa.

Por outro lado, podemos ver que isso fica muito nítido em outro livro sagrado, o Alcorão, 4ª surata, "AN NISSÁ", versículo 171, vejamos a clareza do ensinamento:

*"Ó adeptos do Livro, não exagereis em vossa religião e não digais de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi tão-somente um mensageiro de Deus e Seu Verbo, com o qual Ele agraciou Maria por intermédio do Seu Espírito. Crede, pois, em Deus e em Seus mensageiros e digais: **Trindade! Abstende-vos disso, que será melhor para vós; sabeis que Deus é Uno.** Glorificado seja! Longe está a hipótese de ter tido um filho. A Ele pertence tudo quanto há nos céus e na terra, e Deus é mais do que suficiente Guardião".*

E completa na 5ª surata, "AL MÁIDA", versículo 73:

*"São blasfemos aqueles que dizem: **Deus é um da Trindade!**, portanto não existe divindade alguma além do Deus Único. Se não desistirem de tudo quanto afirmam, um doloroso castigo açoitará os incrédulos entre eles".*

Será que os muçulmanos é que estão errados? Afirmamos que não, são os cristãos. Como prova bíblica apresentamos as passagens:

a) Is 44 24: "... eu Iahweh, é que tudo **fiz, e sozinho** estendi os céus, e firmei a terra (com efeito, quem estava comigo?)..."

b) Is 46,9: "**Lembrai-vos das coisas passadas há muito tempo, porque eu sou Deus e não há quem seja igual a mim**".

¹ Glosa = anotação entre as linhas ou na margem de um texto para explicar o sentido de uma palavra ou esclarecer uma passagem obscura, conforme Dicionário Eletrônico Houaiss.

c) Mc 12,28-34: "Um doutor da Lei estava aí, e ouviu a discussão. Vendo que Jesus tinha respondido bem, aproximou-se dele e perguntou: 'Qual é o primeiro de todos os mandamentos?' Jesus respondeu: 'O primeiro mandamento é este: Ouça, ó Israel! **O Senhor nosso Deus é o único Senhor!** E ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com toda a sua força. O segundo mandamento é este: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Não existe outro mandamento mais importante do que esses dois'. O doutor da Lei disse a Jesus: 'Muito bem, Mestre! Como disseste, ele é, **na verdade, o único Deus, e não existe outro além dele.** E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios" Jesus viu que **o doutor da Lei tinha respondido com inteligência,** e disse: "Você não está longe do Reino de Deus".

d) Jo 17,3: "Ora, a vida eterna é esta: que eles conheçam a ti, **o único Deus verdadeiro,** e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo".

e) Rm 3,30: "**Realmente existe um só Deus** que justificará, pela fé,...".

f) Gl 3,20: "... ora, **Deus é um só**".

g) Ef 4,6: "... **só há um Deus** que é pai de todos,...".

Observar que, tanto no Antigo como no Novo Testamento, está se afirmando a mesma coisa, ou seja, a unicidade de Deus. E convém lembrar que, pelas afirmativas de Paulo, em suas cartas, podemos concluir que, no cristianismo primitivo, os cristãos não falavam sobre a existência da Trindade. Dogma instituído mais tarde, como iremos ver um pouco mais à frente.

Em nenhum momento Jesus afirma ser Deus. Chamamos a sua atenção para "... que eles conheçam a ti, **o único Deus verdadeiro,** e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo". Não é outra pessoa quem diz, mas é o próprio Jesus quem afirma que Deus é único. Seria esta uma ótima oportunidade de afirmar sobre a Trindade caso ela fosse verdadeira. No mais, todas as profecias, que dizem existir sobre Jesus, preveem a vinda de um Messias, ou seja, um mensageiro, não que o próprio Deus viria pessoalmente.

O início da gestação desse dogma aconteceu no Concílio de Niceia, no ano 325 d.C., quando a Igreja Católica resolve divinizar Jesus. Para, finalmente, nascer o Dogma da Trindade em 381, no Segundo Concílio Ecumênico da Igreja, realizado em Constantinopla, quando os bispos acabaram por proclamar esse dogma, conforme podemos ler no livro *A Face Oculta das Religiões* do teólogo católico José Reis Chaves. (CHAVES, 2001, p. 66, 119 e 124)

O Concílio de Niceia (325 d.C.) proclamou: "A Igreja de Deus, católica e apostólica, anatematiza os que dizem que houve um tempo que o Filho não existia, ou que não existia antes de haver sido gerado". (DENIS, 1987b, p. 73) Ora, se o Pai é de toda a eternidade, se o Filho também o é, via de consequência, o Espírito Santo necessariamente teria que ser. Então, por que será que, em nenhum momento, no Antigo Testamento não se fala nele?

Quanto ao "Espírito Santo", tomemos o que diz José Reis Chaves, no já citado livro:

Vejamos agora alguns exemplos bíblicos sobre a questão a que já nos referimos, o Espírito Santo. É muito sério o assunto de que vamos tratar aqui no final deste capítulo. Ele nos mostrará quanto foram vulneráveis os responsáveis pela oficialização dos livros canônicos da Bíblia, os quais já vimos, foram adulterados de modo lamentável.

Primeiramente, lembremo-nos da questão dos artigos em Grego. Nessa língua existem os artigos definidos: o, a, os, as, mas não existem os artigos indefinidos: um, uma, uns, umas. Já em Português temos os dois tipos de artigos. Assim, quando em Grego há o emprego do artigo definido, ele é traduzido normalmente para o Português. E, quanto ao artigo indefinido, quando se deve fazer o uso dele diante de uma palavra, em Grego, essa palavra aparece só, pois que não existe o artigo indefinido.

Vejamos exemplos: se dissermos "o Espírito Santo" em Grego, usa-se *ho* (o) diante de Espírito Santo, ficando em Português: o Espírito Santo.

Se em Grego se quer dizer "um Espírito Santo", como não há nessa língua o artigo indefinido, então Espírito Santo aparece só. Porém, o artigo indefinido

'um' deve aparecer em Português, e não o definido "o".

Apesar, então, de Espírito Santo vir sem artigo definido no original Grego dos textos bíblicos, o que quer dizer que, em Português, deve-se usar o artigo indefinido "um", é sempre feita a tradução com o artigo definido "o", aparecendo sempre "o" Espírito Santo, quando o certo é "um" Espírito Santo.

Como vimos, a coisa se complicou, porque na *Vulgata* não aparece nenhum tipo de artigo, porque ela foi escrita em Latim, língua que não tem artigo de nenhuma espécie. E o Latim se conservou durante séculos na Igreja, cujos livros eram sempre escritos em Latim.

O resultado é que há muitos erros de tradução na Bíblia por causa disso, como se não bastassem os outros tipos de erros, a que já nos referimos.

[...].

Sempre que aparece Espírito Santo no original Grego do Novo Testamento, não há o artigo definido grego *ho* ('o' em Português), o que nos obriga a colocar na tradução para o Português o artigo indefinido 'um', ficando, pois, assim: 'um' Espírito Santo, e não um só: 'o' Espírito Santo. E, com isso, fica demonstrado também que Espírito Santo na Bíblia refere-se a um espírito humano de luz, de que há exemplos também no Velho Testamento.

No Livro de Daniel 13,45, temos um bom exemplo do assunto em foco: "O Senhor suscitou o Espírito Santo de um moço chamado Daniel". Esse é um dos exemplos raros na Bíblia, em que aparece a expressão "o Espírito Santo", com o artigo definido "o".

E, no entanto, observamos que o Espírito Santo no citado texto refere-se ao próprio espírito de uma pessoa, no caso, de Daniel. E sempre que aparece Espírito Santo na Bíblia, esse Espírito Santo se refere ao espírito da própria pessoa, ou outro espírito santo ou santo espírito enviado a ela por Deus ou por quem trabalha para Deus.

[...].

Como vemos, há muitas coisas estranhas entre a Bíblia e a Teologia Eclesiástica, com seus dogmas e conseqüentes adulterações dos textos sagrados, principalmente com relação às traduções erradas, quer sejam elas de boa ou má fé. (CHAVES, 2001, p. 129-133).

Podemos, então, concluir que tudo não passa de criação dos teólogos do passado, que os atuais querem manter a todo custo.

Recomendamos o nosso texto: ["Trindade, um "mistério" instituído por um leito, anuído pelos teólogos"](#).

4. Jesus

"Esse Jesus de Nazaré, sem dinheiro nem armas, conquistou milhões de pessoas num número muito maior que Alexandre, César, Maomé e Napoleão; sem o conhecimento e a pesquisa científica Ele despejou mais luz sobre assuntos materiais e espirituais do que todos os filósofos e cientistas reunidos; sem a eloquência aprendida nos bancos escolares, Ele pronunciou palavras de vida como nunca antes, nem depois, foram ditas e provocou resultados que o orador e o poeta não conseguem alcançar; sem ter escrito uma única linha, Ele pôs em ação mais canetas, e forneceu temas para mais sermões, discursos, livros profundos, obras de arte e música de louvor do que todo o continente de grandes homens da antiguidade e da atualidade" - Historiador Philip Schaff.

Esse mesmo Jesus não é visto como Deus no Espiritismo, é apenas mais um "espírito evoluído que continua em evolução".

Cristo é enfático ao se revelar como Deus e assim proceder. Eis um dos motivos de sua crucificação.

"Mas todo aquele que me negar diante dos outros, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus". (Mt 10,33).

Estamos plenamente de acordo com Philip Schaff. Entretanto, devemos acrescentar, que apesar de tudo isso, Jesus não conseguiu, pelo menos por enquanto, fazer que os homens praticassem seus ensinamentos. Os sectários religiosos, que propõem ser sua Igreja a única a se encontrar nas graças de Deus, julgando e condenando a todos os que não comungam com seus pensamentos, submissos a ela sem o mínimo direito de questionar o que quer que seja,

são uma prova concreta disso.

As pessoas que combatem o Espiritismo deviam pelo menos tê-lo estudado, até mesmo porque não é coerente ficar falando do que não se conhece, pois nunca falamos que Jesus continua em evolução. O que afirmamos que é um Espírito Puro, se bem que para o caso Dele deveria ser Puríssimo, e os espíritos puros não estão sujeitos a reencarnação, que é uma lei natural, mas só estão sujeitos a ela os Espíritos imperfeitos, já que são eles que necessitam evoluir.

Jesus nunca se colocou como Deus, o máximo que ele disse ser foi "Filho de Deus", o que não é a mesma coisa que ser o próprio Deus.

No nosso livro "[A Bíblia à Moda da Casa](#)", fizemos um estudo sobre esse assunto colocando as seguintes perguntas: O que pensavam seus discípulos sobre o assunto? O que o povo e Ele mesmo pensavam?

Para respondermos estas perguntas, primeiramente, iremos recorrer ao Evangelho.

a) O que o povo pensava

Mt 16,13-14: "... Quem dizem por ai as pessoas que é o filho do homem?" Responderam: 'Um dizem que é João Batista, outras que é Elias, outras enfim, que é Jeremias ou alguns dos **profetas**'".

Mt 26,67-68: "... E lhe diziam: 'Mostra que és **profeta**, ó Cristo, adivinha quem foi que te bateu?'".

Jo 7,40-41: "... ouvido essas palavras de Jesus afirmavam: 'Verdadeiramente ele é o **profeta**'".

Jo 9,17: "Perguntaram ainda ao cego: 'Qual é a tua opinião a respeito de quem abriu os olhos?' Respondeu: 'É um **profeta**'".

b) O que os discípulos pensavam

Lc 24,19: "Jesus de Nazaré foi um **profeta**, poderoso em obras e palavras diante de Deus e do povo".

At 2,22: "Homens de Israel, escutai o que digo: 'Jesus de Nazaré foi o **homem credenciado por Deus** junto a nós com poderes extraordinários, milagres e prodígios...'".

c) O que dizia Jesus

Lc 13,33: "Entretanto devo continuar meu caminho hoje, amanhã e no dia seguinte, porque não convém que um **profeta** morra fora de Jerusalém".

Jo 8,40: "Procurais tirar-me a vida a mim que **sou homem**, que vos digo a verdade que de Deus ouvi".

Mc 6,4-5: "Mas Jesus lhes dizia: 'Um **profeta** só deixa de ser honrado em sua pátria, em sua casa e entre seus parentes'. E não podia ali fazer milagre algum".

Observamos, assim, que todos - o povo e os seus discípulos - acreditavam que Jesus era um profeta, o que foi confirmado pelo próprio Jesus.

Na passagem de Jo 14,12-13, ele diz: "Eu vos afirmo e esta é a verdade: quem crê em mim fará as obras que eu faço. E fará até maiores, porque vou ao Pai, e o que pedirdes ao Pai em meu nome eu farei, para que o Pai seja glorificado no filho".

Se seguirmos a linha de raciocínio que Ele seja Deus, nós também seríamos deuses, pois segundo suas próprias palavras, poderíamos fazer o que ele fez e até mais. Vemos que não há como considerá-lo Deus.

A base central desta linha de pensamento, que ele era Deus, basicamente vamos encontrá-la em Jo 10,30: "Eu e o Pai somos um". Com isto chegaram à conclusão de

que se o Pai é Deus e Jesus sendo um com o Pai, por conseguinte também seria Deus. Conclusão, digamos apressada e incoerente, pois não pegaram o sentido da frase, apegaram-se à letra. Mas porque não tiveram a mesma linha de pensamento nesta outra passagem de João (17,20-23): *"Não rogo somente por eles, mas também por todos aqueles que hão de crer em mim pela sua palavra. Que todos sejam um! Meu pai, que eles estejam em nós, assim como tu estás em mim e eu em ti. Que sejam um, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitamente unidos, e o mundo conheça que tu me enviaste e que os amaste como tu me amaste"*. Não seria o caso de dizer então que os discípulos eram deuses?

Em outras passagens, Jesus se coloca na condição de subordinado a Deus, prestando-lhe obediência e cumprindo-lhe a vontade, ora quem é subordinado está sob ordens de alguém que lhe é superior, vejamos:

Jo 4,34: *"Jesus afirmou: 'Meu alimento é **fazer a vontade daquele que me enviou** a levar a cabo a sua obra'"*.

Jo 5,19: *"Eu vos afirmo e esta é a verdade: o **Filho nada pode fazer por si mesmo**, a não ser o que vê o Pai fazer"*.

Jo 5,30: *"Não posso fazer nada por mim mesmo. Julgo segundo o que ouço; e o meu julgamento é justo, **porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou**"*.

Jo 6,37-38: *"Tudo o que o Pai me dá, virá a mim e não jogarei fora o que vem a mim, porque **desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou**"*.

Jo 7,28: *"Se me amásseis, vos alegraríeis de que eu vá ao Pai, **porque o Pai é maior do que eu**"*.

Nessa última passagem, é bem taxativa a superioridade do Pai sobre Jesus. Não há como contestar.

Aqui terminamos o que colocamos em nosso livro, assim voltemos aos nossos argumentos de agora.

Quanto ao que diz o articulista de que Jesus foi enfático ao se revelar como Deus, é só nos mostrar onde e quando. Encontramos duas passagens em João, que poderá levar os apressados a pensar desta maneira. Vejamos:

a) Jo 5,17-18: *"Jesus, no entanto, lhes respondeu: 'Meu Pai continua a trabalhar até agora, por isso eu também trabalho'. Por causa destas palavras é que os judeus mais obstinados procuravam matá-lo. Na verdade, além de violar o sábado, **dizia que Deus era seu próprio pai, fazendo-se, deste modo, igual a Deus**"*.

b) Jo 10,32-37: *"Jesus os censurou: 'Eu vos mostrei muitas obras vindas da parte do Pai. Por qual delas quereis apedrejar-me?' Os judeus responderam: 'Por nenhuma obra boa queremos apedrejar-te, mas por causa da **blasfêmia**. Porque não **sendo mais que um homem, pretendes tornar-te Deus**. Jesus respondeu: 'Não está escrito na Lei: Eu disse: vós sois deuses? Se ela chama de deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida – e não se pode abolir a Escritura -, por que dizeis àquele a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo: '**Tu blasfemas', só porque eu disse: 'Sou filho de Deus?'**"*.

Jesus diz apenas ser "Filho de Deus" (e todos nós o somos) ao que os judeus deturparam (os que hoje distorcem os princípios do Espiritismo, não serão esses mesmos judeus reencarnados que outrora distorciam as palavras de Jesus?) dizendo que com isso Ele estava querendo "se igualar a Deus" ou "se tornar Deus", são os fatos constantes das duas narrativas.

Entendemos que negar Jesus é não seguir seus ensinamentos, é querer ser maior que Ele, é julgar quando não houve nenhum julgamento da parte Dele, é querer perseguir os que

não seguem a fileira de sua corrente religiosa, é distorcer seus ensinamentos para justificar dogmas pessoais, é matar, torturar e queimar na fogueira os "hereges", etc., etc., etc.

Interessante, por que será que Jesus, na última passagem citada – "*Mas todo aquele que me negar diante dos outros, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus*" (Mt 10,33) –, não disse: "Eu o negarei **diante de mim mesmo**(?)" quando estiver nos céus? Seria o de se esperar, se Ele fosse realmente o próprio Deus.

Por outro lado, aceitam que Jesus, ou seja, o próprio Deus, tenha sido tentado pelo diabo, entretanto está dito: "*Deus não pode ser tentado pelo mal*" (Tg 1,13), tornando assim incoerente essa passagem.

Em *A Face Oculta das Religiões*, José Reis Chaves, faz a seguinte colocação:

E, apesar do dogma da Igreja em contrário – instituído às pressas e sem uma melhor reflexão a respeito da questão –, todos sabemos não apenas que Deus não pode ter Mãe, como temos absoluta certeza disso, já o dissemos. E temos certeza também de que Jesus Cristo, com todo o amor, carinho, admiração e respeito que temos por Ele, não é Deus no sentido do Deus Único, Absoluto, propriamente dito, porque, se fosse assim, haveria mais de um Deus, o que seria inadmissível para nós católicos. Ademais, como vimos na parte do arianismo, o próprio Jesus disse, em São João 14,28, que o Pai era maior do que Ele. E, como vimos, também, o próprio Jesus disse que poderíamos fazer tudo o que Ele fez, e até mais ainda (João 14:12). Ora, se Jesus Cristo fosse Deus mesmo, quem de nós poderia fazer o que Ele fez, e até mais ainda? Respeitamos a Igreja, e a amamos até, mas não podemos aceitar os erros que ela cometeu, mesmo porque ela mesma reconhece que os cometeu, está arrependida disso, e hoje até pede perdão, oficialmente, de alguns deles, como vimos anteriormente. (CHAVES, 2001, p 103)

Encerramos essa questão, vamos seguir as outras colocações do nosso articulista.

5. A redenção

"É pelo sangue de Jesus Cristo que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de sua graça que ele derramou profusamente sobre nós", explicava São Paulo aos Efésios (1,7).

Nossa redenção pela paixão, morte e ressurreição de Jesus é outra verdade fundamental da fé cristã.

Nisso consiste propriamente a "Boa nova" ou o "Evangelho".

Mas nem esta verdade tão central entra no credo espírita. Segundo este, cada um deve ser seu próprio redentor através da procura desesperada por uma fuga do sistema de reencarnações.

Leão Denis o enuncia cruamente quando escreve: "Não, a missão de Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. É o que os espíritas, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo". (Cristianismo e espiritismo, p. 88).

Daí esta doutrina de Allan Kardec: "Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes". ("O céu e o inferno", 88).

Algumas vezes, nós colocamos a que absurdo esse conceito nos leva. Vejam bem: Deus desce dos "céus" se encarna como Jesus; Jesus (=Deus) morre na cruz, em sacrifício a Deus (=Jesus), ou seja, a Ele mesmo, para pagar os nossos pecados. Onde reside a lógica disso?

Se Jesus remiu os nossos pecados "*comamos e bebamos*" conforme dizia Paulo.

Primeiramente cumpre ressaltar que Jesus não morreu na cruz senão por intransigência dos líderes religiosos de sua época, e se hoje voltasse fisicamente os líderes religiosos fariam coisas absurdas com ele. Sua morte na cruz não teve o sentido que querem dar de que teria sido para pagar os pecados do povo. Não pagou por pecados de ninguém. Somente fizeram da sua morte como uma coisa semelhante ao que já faziam, em matéria de ritos religiosos, quando ofereciam, em sacrifício de expiação pelos pecados, por exemplo, um touro, que,

depois de morto, era colocado num altar, tendo o seu sangue aspergido sobre esse altar, para tudo ser queimado, como oferenda a Deus. Com esse ritual pensavam que Deus os livrava dos pecados já cometidos. Se, portanto, Jesus morreu para "pagar os pecados", teremos que providenciar um outro "Cristo" para pagar pelos nossos, pois o máximo que poderia ter acontecido era: Ele ter pago os pecados que os homens cometeram de sua morte para trás.

Jesus certa feita disse: "*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por de mim*" (Jo 14,6), se isso for, o que aconteceu com os que viveram antes de Jesus?

Vamos voltar a citar uma passagem que colocamos um pouco atrás:

Mc 12, 32-33: "*O doutor da Lei disse a Jesus: 'Muito bem, Mestre! Como disseste, ele é, na verdade, o único Deus, e não existe outro além dele. E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios'. Jesus viu que o doutor da Lei tinha respondido com inteligência...*".

Se para Deus amar o próximo é mais importante que holocaustos e sacrifícios, qual seria a utilidade deles então? Os sacrifícios eram oferecidos para cumprimento da Lei (Antigo Testamento), "*segundo a Lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue; e sem derramamento de sangue não existe perdão*" (Hb 9,22). Ora, Jesus veio estabelecer uma nova aliança, onde os sacrifícios não tinham nenhuma validade, então por que querem fazer dele esse "bode expiatório" da humanidade?

Pela reencarnação a vontade de Deus se cumpre: "*Ele quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade*" (1Tm 2,4).

Para a Doutrina Espírita cada um é seu próprio redentor, é certo. Mas isto não quer dizer que seja uma fuga desesperada do sistema de reencarnações, é a justiça de Deus funcionando. Até que se fosse mesmo algum tipo de fuga, com certeza, seria a fuga do tal de inferno eterno criado pela Igreja. Pela reencarnação todos nós, um dia, chegaremos a Deus, enquanto que, pela teoria dogmática, o "céu" para uns poucos "eleitos", eles, é claro, e o "inferno" para a grande maioria das pessoas, a começar pelos que não rezam pela mesma "Bíblia" deles. Pela reencarnação o "pecador" é recuperado, mesmo que seja à custa de muito sofrimento, mas pela teoria do "inferno" nunca seria. Pela reencarnação o sofrimento, apesar de existir, terá um fim, entretanto pela do inferno sofreremos por toda a eternidade. Onde Deus se mostra mais justo e misericordioso, no sofrimento passageiro ou "por todos os séculos dos séculos. Amém!?"

Se nosso detrator não tivesse no afã de denegrir o Espiritismo não cometeria uma gafe, pois quem sabe teria percebido que "Léon Denis" não é a mesma coisa que "Leão Denis", uma vez que nome próprio não se traduz.

E conforme já dissemos: Jesus não resgatou pecado de ninguém mesmo. Não há como sairmos do pagamento da nossa dívida. Vejamos esta advertência: "*Não se iludam, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado* (Gl 6,7). Mas, já que pensam que simplesmente seremos perdoados, então como fica "**Se absolvemos o malvado, ele nunca aprende a justiça; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé**" (Is 26,10)?

E, por falar em perdão, vejamos o que dizem sobre ele.

6. O Perdão

Dentro desta ótica, não há espaço no Espiritismo para o perdão. Pasmem: o perdão seria uma injustiça, pois quebraria a frieza do "olho por olho, dente por dente" que é a Lei do Karma. A lei do Karma é fatal: é ela quem "explica" as injustiças e desigualdades deste mundo. Se bem que ela é também quem ajuda a mantê-la. A Índia, "o país reencarnacionista", com seus mais de 700 milhões de habitantes, bem demonstra tal fatalidade, com uma sociedade dividida em castas. Não é a toa que a mensagem cristã das Irmãs da Caridade e dos Jesuítas causou tanto impacto em um ambiente deste, de povo conformado com a lei do karma, de "se expiar para a vida posterior".

O Deus do Espiritismo é um fiscal, observando a "dívida contraída que deverá ser paga".

Ora, tudo recebemos de graça de Deus. Não temos como restituí-lo totalmente. É por isto que ele abre espaço para o perdão, pois quer "que todos se salvem".

Não há espaço para o perdão? Talvez não do jeito como pensa o articulista, simplesmente ser perdoado e não ter que pagar por absolutamente nada. Transportemos isso para uma situação do nosso dia-a-dia. Um criminoso mata alguém, é levado a julgamento e, perante o juiz, diz que está completamente arrependido, prometendo que nunca mais irá matar ninguém. Será que o juiz vai libertá-lo? Se libertasse, por essa atitude, iríamos considerar que o juiz teria agido com justiça? Só se quem morreu não for nosso parente, pois se for, exigiremos que o Juiz aplique, ao infeliz, no mínimo uns 100 anos de cadeia.

O perdão de Deus consiste em que Ele nos perdoa por termos errado, entretanto devemos pagar pelo erro. Algo mais ou menos parecido com uma situação em que tenhamos tomado dinheiro emprestado em um banco e no dia aprazado para pagamento nós não o fazemos. Entretanto, algum tempo depois, vamos ao banco para quitar a nossa dívida. O banco nos perdoa por ter atrasado (pode até acontecer que não cobre multa e juros pelo atraso), mas a dívida principal não deixará por menos, irá querer receber sem nenhuma dívida. Embora isso não seja um exemplo adequado para se comparar as coisas de Deus, mas pelo menos dá para se ter uma ideia do queremos colocar.

Agora, vejamos algumas passagens bíblicas, para resolvermos de vez essa questão:

a) Pr 17,15: "**Absolver o culpado e condenar o inocente são duas coisas que Javé detesta**".

b) Pr 24,24: "**O povo amaldiçoará quem absolver o culpado, e contra ele todos ficarão irritados**".

c) 2Mc 6,13: "**É sinal de grande bondade não deixar por muito tempo sem castigo aqueles que cometem injustiça, mas aplicar-lhes logo a merecida punição**".

d) Is 26,10. "**Se absolvemos o malvado, ele nunca aprende a justiça; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé**".

e) Na 1,3: "**Javé é lento para a ira e muito poderoso, mas não deixa ninguém sem castigo**".

Em alguma dessas passagens cabe o perdão puro e simples como querem? Em todas elas não se recomenda punir o culpado? Por que "punir"? Senão ele não aprende a justiça divina. E, é bom que se diga, que não entendemos Deus castigando ninguém, o que erroneamente dizem ser castigo é, na verdade, a Sua misericórdia agindo a nosso favor, já que estamos tendo outra oportunidade de refazer o que fizemos de errado, ou reparando o erro cometido.

Se existe mesmo esse perdão, como querem alguns, podemos fechar "as portas do inferno" definitivamente, pois não há ninguém que lá "pela hora da morte" não venha pedir perdão por seus pecados. Entretanto, se "*Deus não escuta os pecadores*" (Jo 9,31), isso não só não iria acontecer "pela hora da morte", mas também em nenhum momento de nossa vida, então estamos completamente perdidos.

O fato dos indianos não entenderem bem o que significa a lei do carma, não quer dizer que, nós os cristãos, devemos agir como eles e não fazer nada para minorar o sofrimento do próximo. Pedro disse com muita propriedade "*a caridade cobre multidão de pecados*". Assim, se de um lado, necessitamos fazer a caridade, por ser através dela que iremos "cobrir a multidão dos nossos pecados", de outro, devemos fazê-la também por amar nosso próximo como a nós mesmos. E devemos fazer isso em todas as circunstâncias, pois jamais saberemos se Deus colocou em nossas mãos a libertação daquele necessitado que se encontra à nossa frente.

No livro de Sabedoria (11,15-16), lemos: "... *Como castigo, enviaste a eles multidões de animais irracionais, para aprenderem que cada um é castigado através daquilo mesmo com que peca*", percebemos a lei do "carma".

Podemos mostrar a existência do carma também no Evangelho, em Jo 5,1-18, no

episódio em que Jesus após curar um homem, parálítico por 38 anos, o reencontra no templo e lhe diz: "*Você ficou curado. Não peque de novo, para que não lhe aconteça alguma coisa pior*" (v. 14). Dessas palavras de Jesus podemos concluir que a paralisia daquele homem foi por consequência de ter pecado, e que se tornasse a pecar, algo mais grave ainda do que uma paralisia poderia acontecer a ele, relacionando doença (dor e sofrimento) como decorrência do pecado.

Não satisfeito em argumentar, ainda tenta ridicularizar o Espiritismo colocando coisa que não pensamos, não dizemos e não fazemos. Deus é para nós a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. Não um mero fiscal. Até mesmo porque para nós não necessita fiscalizar absolutamente nada, já que criou leis perfeitas que preveem tudo quanto devemos fazer para nos harmonizar com ela quando nós a infringimos (a infração não é contra Deus), e por existir também nessas leis o mecanismo de reparação, quer faz com que todo faltoso venha reparar o que fez de errado. Quem sabe se não é por ter essa ideia (quem sabe fiscal das portas do inferno?) é que ele acha que todos pensam da mesma maneira?

Jesus deixa as coisas muito claras, não entendemos como não percebem. "*A cada um segundo suas obras*" (Mt 16,27), a Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,30-37), a passagem do Juízo final, pela separação dos bodes das ovelhas (Mt 25,31-46), a que diz "*nem todos os que dizem Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus*", (Mt 7,21-27) são evidências de por qual critério seremos julgados.

Uma colocação interessante poderia ser feita. Por que motivo Deus nos torna culpados do pecado de Adão e Eva, fazendo-nos nascer já com o "pecado original"? Essa magna questão nós podemos encontrar no livro *Cristianismo e Espiritismo* de Léon Denis, ao citar Pelágio questionando a S. Agostinho nestes termos: "Como nos perdoa Deus nossos pecados e imputar-nos-ia os de outrem?". (DENIS, 1987b, p. 83).

Fica aí essa pergunta a quem encontrar um argumento lógico para respondê-la.

7. A Confissão

Se não há o devido espaço para o perdão, também não poderia haver para o seu respectivo Sacramento. No entanto:

"Jesus disse-lhes de novo: "A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio". Após essas palavras, soprou sobre eles e disse: "Recebi o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados serão perdoados. A quem não perdoardes os pecados não serão perdoados". (Jo 20,21-23).

Ignoram a estória da mulher adúltera, onde Jesus diz:

Erguendo-se, disse para a mulher: "Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?" Ela respondeu: "Ninguém, Senhor". Jesus lhe disse: "Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques". (Jo 10,10-11).

Jesus perdoou com o simples arrependimento. Arrependimento que, sendo sincero, apaga a falta e abre o cristão para uma nova vida: "não peques mais".

Em nenhum momento, Cristo impõe mais condições, do tipo vamos "renegociar a sua dívida".

Se lermos o Novo Testamento com a devida atenção veremos, que em nenhum momento, o perdão concedido por Jesus teve como consequência a pessoa ir para ao "céu" imediatamente após receber o perdão.

Já imaginamos, citarão a passagem do "bom ladrão", mas será mesmo que isto aconteceu? Primeiro: Mateus e Marcos falam que os dois ladrões estavam entre os que escarneciam de Jesus. Segundo: João a testemunha ocular que se encontrava perto da cruz, não diz nada sobre qualquer tipo de conversa que os ladrões possam ter tido. Terceiro: Só Lucas é que vem contar esta história. Entretanto cumpre ressaltar que o dito "bom ladrão" nem mesmo se mostrou arrependido de seus "pecados", apenas reconheceu que, ele e o outro, tinham motivos para serem condenados, ao passo que Jesus não, já que percebeu que Ele era inocente. Vejam bem, o "cara" não pede perdão, mas mesmo assim Jesus o perdoa, isso tem sentido? E mais, se esse fato realmente aconteceu, como dizem, temos um grave problema a resolver, pois o "bom ladrão" chegou primeiro ao "céu", já que Jesus demorou por três dias antes de ressuscitar. Será que também Jesus teria mudado de opinião, já que disse: "*a cada um segundo suas obras*"?

A passagem de Mateus narra Jesus curando um parálítico, vejamo-la:

"Jesus subiu numa barca, passou para a outra margem e chegou à sua cidade. Nisso, levaram a ele um parálítico deitado numa cama. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao parálítico: 'Coragem, filho! Os seus pecados estão perdoados'. Então alguns doutores da Lei pensaram: 'Esse homem está blasfemando!' Mas Jesus, conhecendo os pensamentos deles, disse: 'Por que é que vocês pensam coisas más? O que é mais fácil dizer: 'Os seus pecados estão perdoados'; ou dizer: 'Levante-se e ande'? Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados - então disse Jesus ao parálítico: Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa'. O parálítico então se levantou, e foi para a sua casa. Vendo isso, a multidão ficou com medo e louvou a Deus, por ter dado tal poder aos homens". (Mt 9,1-8).

Se Jesus curou este parálítico após tê-lo perdoado dos pecados, é porque a sua doença era produto do pecado, em outras palavras, lei do "carma". Ora, Jesus com absoluta certeza tinha pleno conhecimento de que o carma daquele infeliz estava cumprido, por isso ele o curou. E, devemos observar que "o perdão dos pecados" não se relacionava a alguém ir para o "céu", mas se prendia às coisas terrenas, no caso em questão, a paralisia. É esse "poder que ele transmite aos apóstolos", já que o perdão dessa forma não está em contradição com nenhuma outra lei divina.

Diz o articulista que ignoramos a estória da mulher adúltera, procura relacioná-la à questão do perdão. Entretanto, ao que percebemos, pela passagem, o assunto é bem outro. Trata-se obviamente de alertar-nos para não condenar nos outros aquilo que nós mesmos fazemos. Jesus dizendo que não a condenaria, estaria confirmando o que Ele sempre disse: que não veio para julgar ninguém, reprova também, por isso mesmo, àqueles que se arvoram em juiz dos outros, até mesmo porque, quando coloca a pergunta de *"quem estiver sem pecado atire a primeira pedra"*, isso fica claro. E, amorosamente, recomenda à mulher adúltera: *"não peques más"*. Vemos aqui algum tipo de "perdão" para conquistar o reino dos céus?

Por outro lado, o termo "condenar" se relaciona em não reconhecer como culpado um criminoso, em outras palavras, um juiz não condena um réu por não ter encontrado nenhuma culpa, o que não é o mesmo que dizer que o Juiz teria perdoado o criminoso.

Quanto a Jesus não ter dito nada sobre "renegociar a dívida", podemos responder:

"Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer". (Jo 16,12).

Entretanto, deixou bem claro *"a cada um segundo suas obras"*.

Vejam bem, se Jesus disse que *"agora eles não teriam capacidade de suportar"* é porque futuramente estariam, ou seja, implicitamente estava dizendo que quando estivessem reencarnados novamente teriam condições. O Espiritismo vem justamente fazer *"o encaminhamento para toda a verdade"* e não querem entender, será por que ainda existem muitos que ainda não têm capacidade de suportar?

Em *Cristianismo e Espiritismo*, diz Léon Denis:

Se consultarmos todos os textos em que se funda a instituição da confissão (Mat. III, 6; Lucas XVIII, 13; Tiago, Epíst., V, 16; João, I Epíst., I, 9, etc.), neles só encontramos uma coisa: é que o homem deve reconhecer as ofensas cometidas contra o próximo; é que ele deve confessar diante de Deus as suas faltas. Desses textos antes resulta esta consideração: a consciência individual é sagrada; só depende de Deus diretamente. Nada aí autoriza a pretensão do padre, de se erguer em julgador.

Que diz S. Paulo, falando da comunhão e dos que dela são dignos:

"Examine-se, pois, a si mesmo o homem (I Epístola aos Coríntios, XI, 28)".

(DENIS, 1987b, 101-102)

Mostre-nos Jesus dizendo: "vá e confesse ao sacerdote" e não peques mais. Ou "vá ao sacerdote e se batize" e terás um tesouro no céu.

Vejamos, então, agora a questão do batismo.

8. O batismo

Jesus mandou aos apóstolos ir pelo mundo inteiro, ensinar a todos tudo quanto ele lhes ordenara, batizando a todos "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19-20), esclarecendo: "Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado" (Mc 16,16). No Brasil, os espíritas, fiéis à doutrina codificada por AK, já não batizam nem fazem batizar seus filhos. Nem teria sentido. Pois é pelas reencarnações que os homens devem alcançar a perfeição.

Analisemos a passagem em que Jesus deu algumas instruções aos discípulos:

a) Mc 16,14-18: "*Por fim, Jesus apareceu aos **onze discípulos enquanto estavam comendo**. Jesus os repreendeu por causa da falta de fé e pela dureza de coração, porque não tinham acreditado naqueles que o tinham visto ressuscitado. Então Jesus disse-lhes: 'Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade. **Quem acreditar e for batizado, será salvo. Quem não acreditar, será condenado**. Os sinais que acompanharão aqueles que acreditarem são estes: expulsarão demônios em meu nome, falarão novas línguas; se pegarem cobras ou beberem algum veneno, não sofrerão nenhum mal; quando colocarem as mãos sobre os doentes, estes ficarão curados'*".

b) Mt 28,16-20: "***Os onze discípulos foram para a Galileia, ao monte que Jesus lhes tinha indicado**. Quando viram Jesus, ajoelharam-se diante dele. Ainda assim, alguns duvidaram. Então Jesus se aproximou, e falou: 'Toda a autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, **batizando-os** em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e **ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês**. Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo'*".

c) Jo 20,19-23: "*Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando **fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos** por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: 'A paz esteja com vocês'. Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor. Jesus disse de novo para eles: 'A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês'. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: 'Recebam o Espírito Santo. **Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados'**".*

O evangelista Lucas nada diz sobre qualquer orientação feita por Jesus.

Segundo os outros evangelistas, as orientações aconteceram: "enquanto estavam comendo", ou "na Galileia, no monte indicado por Jesus", ou "no lugar onde as portas estavam fechadas", alguém poderá nos esclarecer em qual situação Jesus falou?

Jesus afinal disse o que: "*quem acreditar e for batizado, será salvo; quem não acreditar, será condenado*"? Ou que os discípulos indo a todos os povos fossem "*batizando-os e ensinando-os a observar tudo*"? Ou que aos que "*os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados*"? Como uma mesma orientação pode variar tanto assim?

Se fomos pela instrução dada por Marcos, estamos completamente livres do inferno, pois cremos em Jesus e fomos batizados, inclusive na Igreja Católica, e, diga-se de passagem, muitos dos Espíritas, pois, em grande parte, são ex-católicos.

Das religiões cristãs que existem, qual ou quais as que conseguiram cumprir esta recomendação de Jesus: "*façam com que todos os povos se tornem meus discípulos*"? Será então que Jesus errou na escolha? Ou quem sabe não são realmente os escolhidos? A distribuição de Bíblia, pelo mundo afora, não é fazer ninguém tornar discípulo.

Se o batismo foi uma recomendação de Jesus, por que será que também não a fez a Paulo, que afirma: *"De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo"* (1Cor 1,17)?

Uma coisa interessante nessa passagem é que se Paulo não anunciasse o Evangelho tornaria inútil a cruz do Cristo, como então dizem que ele morreu na cruz para nos salvar? Pelo que deduzimos, Jesus veio ao mundo com a Missão de trazer o Evangelho, e o que sofreu foi para cumprir essa missão e sua morte estava dentro dessa missão, apesar dela ter sido tramada pelos intransigentes sacerdotes de sua época, que não abriam mão de seguir a Moisés. O mesmo anda acontecendo atualmente em relação ao Espiritismo, que vindo retomar os ensinamentos de Jesus em sua essência, também é perseguido pelos intransigentes religiosos de hoje (serão os de ontem reencarnados?).

Se o batismo é mesmo importante, perguntamos Jesus batizou alguém? Resposta:

"... se bem que Jesus mesmo não batizasse, mas seus discípulos -..." (Jo 4,2).

João Batista realmente batizava, mas qual é o batismo de João? Resposta:

"Eu batizo vocês com água para a conversão". (Mt 3,11a).

De qual batismo falava João que seria o de Jesus? Resposta:

"Mas aquele que vem depois de mim é... quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3,11b).

Jesus disse algo sobre Seu batismo? Resposta:

"Devo ser batizado com um batismo, e como estou ansioso até que isso se cumpra!" (Lc 12,50).

Jesus pregava o batismo de João? Resposta:

"... 'João batizou com água; vocês, porém, dentro de poucos dias, serão batizados com o Espírito Santo'" (At 1,4-5).

No início os cristãos eram batizados por qual batismo? Resposta:

"... Paulo... Encontrou aí alguns discípulos, e perguntou-lhes: 'Quando vocês abraçaram a fé receberam o Espírito Santo?' Eles responderam: 'Nós nem sequer ouvimos falar que existe um Espírito Santo'. Paulo perguntou: 'Que batismo vocês receberam?' Eles responderam: 'O batismo de João'. Então Paulo explicou: 'João batizava como sinal de arrependimento e pedia que o povo acreditasse naquele que devia vir depois dele, isto é, em Jesus'. Ao ouvir isso, eles se fizeram batizar em nome do Senhor Jesus. Logo que Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e começaram a falar em línguas e a profetizar". (At 19,1-3).

Assim, os que adotam o batismo de água estão realizando um sacramento que nada tem a ver com o que Jesus pregava, já que falava em batismo do espírito e do fogo. O Seu batismo de fogo era o sofrimento a que teria de passar para dar pleno cumprimento à sua missão de trazer o Evangelho à Humanidade. O nosso serve para nos impulsionar para frente rumo ao progresso, para cumprir o *"sede perfeitos como o Pai Celestial"*.

E, quanto ao batismo do Espírito, que transformaram em Espírito Santo, nada mais é que a imposição das mãos. Esse ato fazia com que a faculdade mediúnica do crente se abrisse, via de consequência, começava a falar em línguas e a profetizar, pois ficava cheio de "um" espírito santo (espírito puro). Tudo conforme está agora muito bem explicado pelos princípios da Doutrina Espírita.

Vejamos o que diz J. Herculano Pires, em *Revisão do Cristianismo*:

Jesus combateu a magia e os mitos, mas o Cristianismo se organizou na sistemática mitológica e acabou transformando o próprio Mestre em mito. O rito do batismo era uma prática muito difundida na Palestina, segundo mostra Guignebert, e provinha das religiões ancestrais dos cananeus. João Batista nada

mais fazia do que usar essa prática para ajudar as criaturas a se modificarem, certas de que a água do Jordão não lhes lavara apenas o corpo, mas também a alma. Por isso os batizados com água eram aplicados a pessoas adultas, que deviam compreender a necessidade de iniciar uma vida nova para agradar a Deus. Esse ato folclórico, simples e puro, foi transformado no culto cristão num processo mágico de purificação espiritual, destinado a lavar a mancha do pecado original de Adão e Eva da almazinha inocente das crianças recém-nascidas. Mas que pecado era esse? O da desobediência, que a serpente transmitira a Eva e esta a Adão. No entanto, a desobediência da criança, como a dos animais, não pode apagar-se com palavras, água e sal, porque é uma consequência natural do desenvolvimento dos instintos vitais que levam os animais e o homem à busca de satisfação de suas necessidades orgânicas. Talvez por isso inventou-se também o rito do crisma como confirmação do batismo, que por si só se mostrava impotente contra o pecado original. O padre batiza, o bispo, seu superior hierárquico, dá o sacramento do crisma. E apesar de todo o aparato do culto exterior e de toda a sofisticada justificação teológica, a criança não cede nada em sua desobediência salutar e necessária. Não só as formas sacramentais se revelam vazias, mas também os supostos poderes da hierarquia sacerdotal. Além disso, as igrejas se esqueceram das palavras seguintes do Batista, que restringem o batismo da água ao seu ministério individual, anunciando que o Cristo batizaria no fogo e no espírito. [...] (PIRES, 1996, p. 31-32).

O *Dicionário Prático da Bíblia Sagrada*, Ed. Barsa (p. 32), entre outras coisas, diz que: *"Os principais efeitos do Batismo na alma são o caráter sacramental e a graça santificante (que remove tanto o pecado original como os pessoais)"*.

Vejam bem, nos imputam um pecado do qual não somos culpados, em flagrante contradição com *"O filho nunca será responsável pelo pecado do pai, nem o pai será culpado pelo pecado do filho. O justo receberá a justiça que merece e o injusto pagará por sua injustiça"* (Ez 18,20). Se, normalmente, nos batizam recém-nascidos, como pode haver remoção de pecado pessoal se ainda não tivemos tempo de cometer algum? Estariam admitindo a reencarnação?

Simbolicamente podemos dizer que nascemos com "pecado original", não cometido por outros, mas por nós mesmos em encarnações anteriores, temos, pois "pecados de origem".

Pelas reencarnações estaremos sendo batizados no Batismo de Fogo, ou seja, a dor e o sofrimento como elementos de purificação, simbolizado pelo fogo. Podem dizer, mas não é justo sofrermos por algo que nem mesmo lembramos. Em primeiro lugar perguntamos: o que é preferível, sofrermos eternamente no inferno, ou temporariamente enquanto estivermos presos ao ciclo das reencarnações sucessivas? Em segundo, poderíamos dizer que, mesmo não lembrando do que fizemos, é bem melhor do que sofrer por aqueles que não cometemos (os de Adão e Eva). Mas, o que os nossos detratores não sabem é que, na verdade, o esquecimento é temporário, porque o espírito ao ser "acoplado" a um corpo perde a lembrança do passado. Entretanto, quando regressarmos à nossa condição de espírito, ao desvinculamos do corpo físico, a lembrança se faz mais cedo ou mais tarde. E é aí que iremos perceber que realmente a justiça divina é infalível, fazendo com que cada um receba *"segundo as suas obras"*.

Seria oportuno que lesse o nosso texto "[O ritual do batismo](#)".

Vejamos que opinião interessante nos trás Hermínio C. Miranda, em *Os Cátaros e a Heresia Católica*:

A prevalecer o catarismo no panorama religioso do mundo, o simples acolhimento da doutrina das vidas sucessivas teria precipitado a invalidação de princípios vitais à Igreja, como o da unicidade da vida, céu, inferno, juízo final, pecado original e, por via de consequência, sacramentos, exclusividade salvífica, mediação sacerdotal entre a criatura e Deus, divindade de Jesus e outros tantos aspectos que a Igreja considera, naturalmente, inegociáveis, porque eternos, imutáveis, irremovíveis. É preciso, ainda, lembrar que tudo isso está assentado em bases materiais e econômico-financeira que garantem incalculável massa crítica de poder político, do qual a instituição não está disposta nem preparada para abrir mão, senão à custa de um suicídio institucional. (MIRANDA, 2002, p. 176-177)

Estão aí as razões porque a Igreja Católica quer manter os sacramentos.

9. Os Sacramentos

Além dos já citados (Batismo e Confissão) o Espiritismo nega todos os outros Sacramentos: Crisma, Eucaristia, Ordem e Unção dos Enfermos, só aceitando mesmo o Matrimônio.

Consideram os Sacramentos como "meros ritos, formas, liturgia", ignorando que eles são graças derramadas por Deus sobre os homens, justamente porque não somos nada sem a graça divina. Sem esta, não há "religare" com Deus, pois não temos força em nós mesmos para chegarmos a tanto.

Vejamos algumas opiniões sobre os rituais da Igreja.

Léon Denis, no livro *Cristianismo e Espiritismo*, diz:

Vem depois a Eucaristia, ou presença real do corpo e do sangue de Jesus-Cristo, a hóstia consagrada, o sacrifício da cruz todos os dias renovado sobre os milhares de altares da catolicidade, à voz do padre, e com absorção pelos fiéis, do corpo vivo e sangrento do Cristo, segundo a fórmula do catecismo do concílio de Trento:

"Não é somente o corpo de Jesus-Cristo que se contém na Eucaristia, com tudo o que constitui um verdadeiro corpo, como os ossos e os nervos; é inteiramente o próprio Jesus-Cristo".

Donde provém esse mistério afirmado pela Igreja? De palavras de Jesus, tomadas ao pé da letra, e que tinham caráter puramente simbólico. Esse caráter, ao demais, é claramente indicado na frase por ele acrescentada: "Fazei isto, em **memória** de mim". Com isso afasta o Cristo qualquer ideia de presença real. Não pretendeu, evidentemente, falar senão do seu corpo espiritual, personificando o homem regenerado pelo espírito de amor e caridade. A comunhão entre o ser humano e a natureza divina se opera pela união moral com Deus; ela se realiza por enérgicos surtos da alma para seu Pai, por aspirações constantes ao divino foco. Toda cerimônia material é vã, se não corresponde a um estado elevado do coração e do pensamento. [...] (DENIS, 1987b, p. 102-103).

Todas as formas do culto romano são uma herança do passado. Suas cerimônias, seus vasos de ouro e prata, os cânticos, a água lustral, são legados do Paganismo. Do Bramanismo tomaram o altar, o fogo sagrado que nele arde, o pão e o licor de soma consagrados à Divindade. Do Budismo copiaram o celibato dos padres e a hierarquia sacerdotal.

Uma lenta substituição se produziu, na qual se encontram os vestígios das crenças desaparecidas. Os deuses pagãos tornaram-se demônios. As divindades dos fenícios e dos assírios: Baal-Zebud (Belzebu), Astarot, Lúcifer, foram transformados em potências infernais. Os demônios do Platonismo, que eram Espíritos familiares, tornaram-se diabos. Dos heróis, das personagens veneradas na Gália, na Grécia, na Itália, fizeram santos. Conservaram as festas religiosas dos antigos povos, dando-lhes apenas formas diferentes, como a dos Mortos. Por toda a parte, enxertaram no antigo culto um culto novo, que era a sua reprodução sob outros nomes. Os próprios dogmas cristãos se encontram na Índia e na Pérsia.

O Zendavestá, como a doutrina cristã, contém as teorias da queda e da redenção, a dos anjos bons e maus, a desobediência inicial do homem e a necessidade da salvação mediante a graça.

Sob esse amontoado de formas materiais e concepções envelhecidas, no meio desse incômodo legado de religiões extintas, que constitui o Cristianismo moderno, tem-se dificuldade em reconhecer o pensamento do seu fundador. Os autores do Evangelho não previram, de certo, nem os dogmas, nem o culto, nem o sacerdócio. Nada de semelhante se encontra no pensamento evangélico. Ninguém foi menos imbuído do espírito sacerdotal do que Jesus; ninguém foi menos afeiçoado às formas, às práticas exteriores. Tudo nele é sentimento, elevação do pensamento, pureza do coração, simplicidade. (DENIS, 1987a, p. 105-106).

No livro *Cristianismo: Uma mensagem esquecida*, Hermínio C. Miranda nos traz as seguintes elucidacões:

A ideia da teofagia (ingestão de deus) só vamos encontrar em grosseiros e primitivos cultos, segundo os quais um animal, previamente divinizado por meio de um ritual próprio, era sacrificado e comido pelos crentes, convictos de que absorviam propriedades divinas, com a carne e o sangue do animal convertido em deus. Repugna-nos, contudo, admitir que isso possa estar nas origens da eucaristia, embora o resultado que se impôs tenha sido precisamente esse: a ingestão simbólica da carne e sangue de um ser divinizado. Tal conclusão, contudo, não é recente. Guignebert assinala que, algum tempo depois de Paulo, até mesmo autores cristãos surpreenderam-se com a identificação dada à ceia eucarística com os rituais dos mistérios primitivos.

Não era essa, porém, a concepção vigente ao tempo de Paulo. No ato simbólico, reunidos em torno de uma mesa comum de refeição, os cristãos se sentiam como que componentes de um só corpo, unidos em Cristo, como as diversas parcelas distribuídas integraram e se originavam de um só pão, tanto quanto a porção de vinho atribuída a cada um provinham de um só vinho. Essa participação no repasto em comum era prática comemorativa para lembrar Jesus e falar dele e repassar seus ensinamentos, não, porém, um sacramento no sentido teológico salvacionista, instituído e recomendado por ele.

A refeição em comum era, também, uma forma de agradecimento – sentido da palavra grega original **eucharistai** – em conexão com o costume hebraico de invocar as bênçãos de Deus (*berakhah*) para os alimentos sobre a mesa. Até hoje, **eucharisterios** corresponde ao nosso “muito obrigado”.

Para Paulo, segundo observa aos Coríntios, aquilo era uma das maneiras de conservar bem viva, na memória de todos, a ideia de que o Cristo fora sacrificado, mas que voltaria sobre seus passos para nós.

Embora Paulo pareça convencido de que Jesus instituiu mesmo o procedimento, para que dele se lembrassem e, logicamente, de seus ensinamentos, a refeição em comum não assumia as proporções de uma liturgia e sim de uma prática formal.

É difícil entender e aceitar que todos ali estivessem convictos de que, mesmo simbolicamente, ingeriam a carne e bebiam o sangue de Jesus, ou melhor, de Deus. Isto só viria mais tarde, por deformações sucessivas.

A atenta observação dos textos evangélicos nos revela que os sinóticos não trazem a recomendação de Jesus de que a prática seja implantada, exceto em breve passagem de Mateus, no que os exegetas consideram uma interpolação retirada das epístolas, sendo consideradas, por conseguinte, adições posteriores as palavras atribuídas a Jesus: ‘Fazei isto em memória de mim’. É o que informa, por exemplo, Johannes Weiss.

É certo, porém, que as refeições em comum, em Corinto, estavam degenerando em balbúrdia e comilanças. Como se lê no capítulo 11 da Primeira Epístola, em vez de partilharem uma refeição em comum em memória de Jesus, para lembrarem-se de que ele morrera, mas que voltaria, “O que fazeis não é comer a Ceia do Senhor, cada um se apressa em comer a sua própria ceia... e enquanto um passa fome o outro fica embriagado. Não tendes casa para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm?”.

Como se vê, o Apóstolo não fala de um ritual eucarístico, tal como seria mais tarde estilizado, mas de uma refeição mesmo, coletiva, durante a qual se reunia a comunidade cristã para orar, falar de Jesus e rever seus ensinamentos enquanto se comia.

Apoiada no discutível critério dessas inseguras referências, a Reforma Protestante aceitou, como sacramentos, duas práticas primitivas – batismo e ceia eucarística -, mas recusou os demais: confirmação (crisma), confissão (penitência), matrimônio, ordenação sacerdotal e extrema-unção, sob a alegação de que não havia, para os demais, suporte textual. MIRANDA, 1988, p. 208-210).

Vejam bem, na Reforma Protestante não foram admitidos todos os sacramentos instituídos pela Igreja Católica, entretanto, muito recentemente, a própria Igreja Católica liderou uma campanha intitulada “Novo Milênio sem exclusão” - Campanha da Fraternidade de

2000 -, cujo objetivo era a união com as demais religiões, entre elas estavam a dos protestantes. Ora, devemos então supor que tais divergências não seriam pontos fundamentais para justificar a divisão entre elas, se assim for, por que nos questionam por não adotá-los? E, embora tivesse o slogan "sem exclusão", nós espíritas ficamos completamente de fora, ou seja, fomos excluídos, vê-se, portanto que estavam praticando puro marketing religioso.

Uma observação muito interessante é a do teólogo José Reis Chaves, em *A Face Oculta das Religiões*, ele diz:

Sem querer agredir a Igreja, mas querendo apenas dizer a verdade, os dogmas dela foram criados justamente para consagrarem como sendo verdades inquestionáveis certos princípios doutrinários que, qualquer pessoa honesta consigo mesma, com a sua consciência, não aceita. Daí surgirem os hereges que, geralmente, eram pessoas inteligentes e comprometidas com a verdade, pelo que se tornaram vítimas de perseguições por parte da Igreja, e mais tarde, eles morreriam nas fogueiras da Inquisição. (CHAVES, 2001, p. 119)

Em *Os Cátaros e a Heresia Católica*, Hermínio C. Miranda, faz a seguinte colocação:

Ao contrário da Igreja Católica que seguia, vigilante e atentamente, os passos de seus fiéis, desde o primeiro choro ao nascer até o último suspiro, ao morrer – o batismo, a confissão, a comunhão, a obrigatoriedade da presença às missas, o matrimônio, a extrema-unção e outros procedimentos -, o cartarismo exigia de seus **parfaits** e **parfaites** as maiores renúncias, o procedimento reto, o compromisso com a verdade, o exercício da fraternidade e a dedicação não-profissional à instituição, mas não impunha aos **croyants** as mesmas normas. [...] (MIRANDA, 2002, p. 72).

De tudo isso dá para se perceber claramente que os sacramentos são mantidos com o objetivo determinado e que tiveram origem nas práticas ritualísticas pagãs.

E é preciso que se esclareça muito bem sobre a questão do matrimônio. No Espiritismo nós não aceitamos o sacramento do matrimônio, pois nas práticas espíritas não existe qualquer tipo de sacramento. Aceitamos, sim o matrimônio como uma instituição divina, entretanto ficamos satisfeitos quando o casal cumpre a lei, registrando em cartório sua união, sem mais nenhuma exigência sacramental. Pode-se até acontecer que, em alguns raros casos, os noivos peçam uma oração especial, para que Deus abençoe a união, é o máximo que fazemos, mas como um ato de caridade, não como ritual espírita relacionado a um sacramento.

10. A Igreja

Jesus disse a Pedro: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus e o que desligares na terra será desligado nos céus". (Mt 16,18-19). Mas os espíritas não dão nenhuma importância nem a Pedro e seus sucessores, nem à Igreja que Jesus dizia "sua", nem ao poder das chaves que o Senhor Jesus entregou ao chefe do colégio apostólico.

Jesus declarou aos apóstolos: "Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou" (Lc 10,16). Para os espíritas tudo isso já está superado. Pois eles vão receber as orientações dos espíritos que "baixam" em seus centros.

No livro "Depois da morte" (p. 80), profetiza Leão Denis: "Chegará a ocasião em que o catolicismo, seus dogmas e práticas não serão mais do que vagas reminiscências quase apagadas da memória dos homens, como o são para nós os paganismos romanos e escandinavos."

Enfim, a influência maçônica de ódio à Igreja se faz presente no Espiritismo. Nada estranho: León Hippolyte Denizart Rivail (Allan Kardec) foi maçom do grau 33 junto à Grã-Loja Escocesa Maçônica de Paris.

O eminente teólogo Huberto Rohden, no livro *Lampejos Evangélicos*, faz importante

questionamento sobre a primazia de Pedro como papa, vejamos:

“Tu És Pedro...”

O que Pedro, Paulo e Agostinho sabiam da autoridade pontifícia de Pedro.

Há diversos séculos que as palavras que Jesus dirigiu a Simão Pedro, em Cesareia de Felipe, formam cabeça de ponte para acaloradas discussões e polémicas, sobretudo entre católicos romanos e protestantes. São elas um dos princípios tópicos para afirmar a doutrina romana tangente à supremacia do pescador da Galileia sobre os demais apóstolos e da Igreja em Geral.

Não é intenção nossa descer à liça e terçar armas a favor deste ou daquele partido – tanto mais que da solução desse problema ou da supremacia, real ou imaginária, do apóstolo Pedro nada depende para a verdade e existência perene do cristianismo. Queremos tão-somente ministrar aos interessados uns fatos históricos chamando-lhes a atenção para a opinião de três exímios expoentes do cristianismo primevo, sendo dois do primeiro século – São Pedro e São Paulo – e um dos séculos quarto e quinto – Santo Agostinho, apelidado “o doutor da Igreja Ocidental”. Que é que esses três corifeus do cristianismo – ainda dividido em Igreja Romana, Ortodoxa e protestante – sabiam da autoridade pontifícia de São Pedro?

1 – A Atitude de São Pedro

Quando alguém é eleito presidente da República, é de supor que ele tenha conhecimento desse fato. Se o apóstolo Pedro foi de fato nomeado por Jesus chefe supremo da Igreja, é de crer que ele tenha tido ciência disso. Vejamos se isso acontece. Temos dos apóstolos Pedro duas cartas que fazem parte do Novo Testamento. Peço aos meus leitores que examinem cuidadosamente essas cartas do “primeiro papa”, escritas cerca de vinte anos após sua pretensa nomeação. Não há nesses documentos o mais ligeiro vestígio que denote supremacia pontifícia. O autor considera-se cristão entre cristãos, fala como irmão a irmãos, igual a iguais. Não dá ordens, preceitos, mandamentos de superior para inferiores. Pedro ignora evidentemente a dignidade que, a partir do século quarto, lhe foi atribuída por alguns historiadores eclesiásticos interessados em centralizar o governo da Igreja na capital do Império Romano. Numa dessas cartas, diz o autor que a escreveu em “Babilônia”.

Pelo ano 50 da era cristã reuniu-se em Jerusalém o Concílio Apostólico de harmonizar pontos controversos da Igreja primitiva. Quem presidiu essa assembleia e deu a decisão final, como lemos nos Atos dos Apóstolos, foi São Tiago, “irmão do Senhor” e então bispo de Jerusalém. Se Pedro era chefe da Igreja, por que não decidiu as questões com sua suprema autoridade?

Mais ou menos ao mesmo tempo, visitou Pedro a importante cidade de Antioquia da Síria, então um dos mais florescentes centros do cristianismo. A princípio aceitava o ex-pescador Galileu convites da parte de étnico-cristãos, sentando-se à mesa com eles e comendo do que eles comiam, sem fazer distinção entre manjares ritualmente puros ou impuros, como existiam entre os judeus e judeu-cristãos. Incriminado pelos cristãos palestinos, Pedro volta atrás, separando-se dos cristãos convertidos do gentilismo e evitando comer “manjares impuros”, subordinando assim o espírito de Cristo à lei mosaica e pondo a Igreja nascente em perigo de cisma. Paulo, o pioneiro da catolicidade cristã, não tolera semelhante atitude parcialista e herética. E, como o escândalo de Pedro tinha sido público e em público era comentado pela Igreja de Antioquia, em público, como ele nos conta na Epístola aos Gálatas, Paulo interpelou seu colega de apostolado, porque ele não andava “conforme a verdade do Evangelho”. Pedro, com admirável humildade e sinceridade, reconhece que Paulo tem razão, retrata o seu erro e volta à pureza do Evangelho, não fazendo distinção entre judeu-cristãos e étnico-cristãos.

Ora, se Pedro tivesse pretendido infalibilidade em matéria de fé e moral, certamente não teria “aberrado da verdade do Evangelho”, nem teria renunciado à sua opinião própria e aceito a de seu colega. Entretanto, Pedro viveu no primeiro século, e a infalibilidade pontifícia foi definida apenas no século XIX.

2 – Atitude de São Paulo

Pelo ano 58 escreve São Paulo o seu grande tratado cristológico chamado Epístola aos Romanos, dando aos cristãos da capital do Império Romano

detalhadas instruções sobre Jesus Cristo, o Redentor, e sobre o processo de justificação. Por que tudo isso? Não teria sido mais simples mandar esses cristãos ter com o seu chefe espiritual, o bispo de Roma, Pedro, que, segundo a opinião dos teólogos romanos de hoje, foi o primeiro papa, com sede nessa metrópole?

No capítulo final da dita epístola encontramos avultado número de nomes de cristãos conspícuos de Roma aos quais São Paulo manda lembranças dos cristãos de Corinto, onde esta carta foi escrita. Entre esses cristãos conspícuos de Roma não figura o nome de Pedro, o pretense bispo e papa daquele tempo; nem encontramos em parte alguma dessa carta a mais ligeira referência a Pedro. Seria crível que Paulo mandasse saudações a todos os notáveis cristãos de Roma, silenciando a mais representativa figura da Igreja, o centro e chefe espiritual do cristianismo romano? Quem pode crer coisa tão incrível?... Prova de que Roma não conhecia Pedro.

No ano 60 ou 61 chega São Paulo a Roma como prisioneiro, e passa dois anos na capital do Império, com permissão da polícia romana de receber visitas. De fato, numerosos cristãos o visitam. Estabelece-se vivo intercâmbio de correspondência entre o "prisioneiro de Cristo" em Roma e as numerosas Igrejas cristãs da Ásia Menor e do sul da Europa por ele fundadas. Paulo, na prisão, escreve diversas cartas, aos cristãos de Filipos, de Éfeso, de Colossos, a seu amigo Filêmon, mencionando os nomes de seus colaboradores e amigos em Roma – e mais uma vez, nenhuma referência a Pedro, que, por esse tempo, já devia ser bispo de Roma há quase vinte anos, segundo a teoria dos teólogos romanos de hoje. Por que não visita Pedro o grande confessor de Cristo na prisão? A resposta é simples, embora nada "romana": porque Pedro não estava em Roma, nem era conhecido dos cristãos da capital do Império.

No ano 62 ou 63 é São Paulo absolvido e posto em liberdade. Volta para o Oriente e prossegue, infatigável, a sua obra evangelizadora.

Em 64 Roma está em chamas. Das catorze zonas da capital, apenas quatro ficaram intactas, dez foram reduzidas a cinzas e escombros. Nero, o autor desse grande incêndio, como afirmam cinco historiadores contemporâneos pagãos, para se inocentar do monstruoso crime, lança a culpa aos cristãos – e desencadeia-se a primeira perseguição cruel contra os discípulos do Nazareno. Dos cristãos residentes em Roma poucos escaparam à morte. Pedro não morreu nesta perseguição – porque não estava em Roma, nem jamais lá estivera. Do contrário, como líder do movimento cristão, teria sido o primeiro a ser trucidado pelos satélites de Nero.

Em 67 Paulo reaparece em Roma, certamente para visitar e confortar os cristãos, que continuavam a ser vítimas de cruel perseguição. É preso pelos esbirros de Nero e lançado à cadeia, onde esteve pouco tempo, desta vez. Já condenado à morte, escreve a sua última carta, a que figura no Novo Testamento como a Segundo a Timóteo. Dá a esse seu grande discípulo instruções e pede que venha, com urgência, vê-lo em Roma antes da hora final; "apenas Lucas está contigo", diz o solitário herói. Onde estava Pedro, o bispo, o papa, o chefe supremo da Igreja? Por que não visita o laureado campeão do cristianismo, nem mesmo agora, em vésperas de seu martírio? Não o visitou pela simples razão de que não estava em Roma.

Possivelmente, por esse mesmo tempo, também Pedro se dirigiu a Roma, talvez com o mesmo fim de visitar e consolar os cristãos perseguidos. A dar-mos fé a uma tradição antiga, foi também ele preso e morto no ano 67, ano da morte de São Paulo.

No século quarto escreve o historiador cristão Euzébio, citando autores mais antigos, que o apóstolo Pedro pregou o Evangelho e foi morto em Roma. Não diz, todavia, que foi chefe da Igreja Romana.

Resumindo, podemos dizer que: 1) segundo fontes históricas do primeiro século – Atos dos Apostos, epístolas de São Pedro e de São Paulo -, **o apóstolo Pedro não fundou a Igreja de Roma**; 2) **não foi bispo dessa Igreja**; 3) **não residiu em Roma**. Segundo documentos do século IV, podemos admitir que tenha visitado Roma pelo fim da sua vida, pregado o Evangelho e sofrido morte de mártir na capital do Império Romano. Nada mais sabemos. O resto é lenda e tradição sem caráter de certeza histórica.

Felizmente, a existência e o triunfo do cristianismo nada têm a ver com a verdade ou a falsidade da estadia do apóstolo Pedro em Roma. Seria ridículo supor que a obra divina de Cristo dependesse de fatores tão precários.

3 – Atitude de Santo Agostinho

Ainda nos séculos IV e V, podia um cristão ser católico sem ser romano, podia abertamente rejeitar as palavras de Cristo “Tu és Pedro” como conferidoras de supremacia pontifícia a Pedro, e apesar disso ser considerado exímio doutor da Igreja, como acontece com Santo Agostinho.

Tenho diante de mim as obras completas do insigne gênio africano, editadas por Migne, em Paris, 1877, sob os auspícios – favor não esquecer – dos monges da Ordem Beneditina. No Volume V, na página 476, sermão 76, lê-se o seguinte:

Quia tu dixisti mihi: Tu es Christus, Filius Dei vivi, et ego dico tibi: Tu es Petrus. Simon quippe antea vocabatur. Hoc autem ei nomen, ut Petrus appellaretur, a Domino impositum est. Et hoc in eo figura, ut significaret Ecclesiam. Quia idem Christus petra, Petrus autem populus christianus. Petra enim principale nomen est. Ideo Petrus a petra, non petra a Petro – quomodo non a christiano Christus, sed a Christo christianus vocatur. Tu es, ego, inquit, Petrus; et super hanc petram, quam cognovisti, dicens: Tu es Christus, Filius Dei vivi, aedificabo Ecclesiam meam (Mat. 16: 13-18) – id est: Super me ipsum, Filium Dei vivi, aedificabo te, nomen me super te.

É este o texto original latino de Santo Agostinho, que, em vernáculo, diz o seguinte:

“Porque tu me disseste: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo; também eu te digo: Tu és Pedro... Pois, antes se chamava Simão. Ora, este nome Pedro lhe foi imposto pelo Senhor. E vai nisto uma figura, para que significasse a Igreja. Porquanto a pedra é Cristo; Pedro é o povo cristão, pois, pedra é o nome principal. Tanto assim que Pedro vem de pedra, e não pedra de Pedro – assim como Cristo não vem de cristão, mas cristão vem de Cristo. Diz, portanto: Tu és Pedro, e sobre esta pedra, que acabas de confessar, sobre esta pedra que conhecestes, dizendo: Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo – edificarei a minha Igreja. Quer dizer: sobre mim mesmo, o Filho de Deus vivo, edificarei a minha Igreja. Sobre mim é que te edificarei, e não a mim sobre ti”.

Como se vê, o maior doutor da Igreja latina não considera a pessoa de Pedro como sendo a pedra, o fundamento da Igreja. A pedra, o fundamento da Igreja, é Cristo, o Filho de Deus vivo.

Quando muito, a confissão de Pedro, mas nunca a pessoa de Pedro, pode ser considerada como a pedra, o alicerce. A confissão da divindade de Cristo é, de fato, o alicerce da Igreja cristã; enquanto essa confissão permanecer inabalável, a Igreja continua invicta, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. A pessoa, porém, é fraca e falível, não podendo, em hipótese alguma, figurar como alicerce do reino de Deus sobre a face da Terra. Santo Agostinho, graças à extraordinária perspicácia do seu gênio, percebe esta incongruência, e por isso rejeitou de antemão a teoria que, mais tarde, viria a ser defendida com tanto ardor pela teologia romana.

Convém não esquecer que a teoria – de ser Pedro o fundamento da Igreja e ter sido o primeiro bispo de Roma – começou a ser propagada por alguns escritores eclesiásticos depois que, no século IV, o imperador Constantino Magno proclamou a religião cristã como a religião oficial do Império Romano, e acumulou de privilégios a hierarquia eclesiástica. Era natural que os chefes da Igreja procurassem estabelecer um regime central, a exemplo do governo político do Império, com sede em Roma. Nada mais conducente a esse fim do que proclamar Simão Pedro como sendo sido nomeado pelo próprio Cristo chefe supremo e exclusivo da Igreja.

Sobre esta base cresceu, através dos séculos, a pretensão do bispo de Roma.

É sabido que, desde o princípio, o patriarca de Constantinopla, a Igreja cristã do Oriente em geral, protestaram contra essa pretensão do bispo de Roma, acabando, no século XI, por separar-se definitivamente de Roma.

O bispo romano, porém, continuou na sua pretensão de ser o chefe supremo da Igreja - até que, no século XVI, quase metade da Europa cristã se separou de Roma.

É profundamente deplorável que uma ambição político-hierárquica, sem fundamento algum na Bíblia ou na história, tenha cindido o cristianismo em três ramos, sem esperança alguma de reconciliação – enquanto essa ambição de hierarquia romana continuar a prevalecer contra os supremos interesses

espirituais da cristandade universal.

Que diria Pedro se, hoje em dia, lesse algum tratado "De Ecclesia" e chegasse a saber repentinamente da sua dignidade pontifícia, que ignorava?

Que diria Paulo se chegasse a saber que em Roma, onde ele esteve preso por diversos anos, residia o chefe da Igreja cristã, sem que ele, Paulo, o soubesse? Sem que dele recebesse ao menos uma visita?...

Que diria Agostinho se encontrasse o seu nome entre os "santos" de uma Igreja que considera "hereges" a todos os que não identificam a Pedro como a pedra da Igreja – e Agostinho era um desses hereges – ele, o "santo", o "doutor da Igreja"?...

Não acham os meus leitores que já é tempo de esclarecermos o povo brasileiro sobre a verdadeira catolicidade?... (ROHDEN, 1995,p. 96-104).

Com argumentos coerentes Rohden destrói essa pretensão da Igreja de Roma de que Pedro foi o primeiro Papa. Uma abordagem mais profunda desse assunto poderá ser vista em nosso texto "[Pedro, tu és papa?](#)".

Bem disse o nosso detrator, Jesus declarou aos apóstolos, se fosse aos padres a coisa seria bem diferente. Esses são os que deturparam os ensinamentos de Jesus, em busca do poder e do dinheiro, tudo quanto *"as traças e a ferrugem corroem"*. Se Jesus voltasse, com certeza diria a eles tal qual disse ao moço rico: *"Vá vende tudo o que tens, doa aos pobres, depois vem e segue-me"*.

Interessante informação que nos traz José de Souza e Almeida em seu livro *Origem e Desenvolvimento do Cristianismo*:

No início do séc. V, Jerônimo (aquele que o Papa Damaso encarregou de traduzir a Bíblia para o latim) censurava: "... o ouro reluz em nossos tetos e nos capitéis de nossas colunas; todavia, Cristo está morrendo em nossas portas, na pessoa de seus pobres, nus e famintos" (História do Cristianismo, Paul Johnson, pág. 98). (ALMEIDA, 2002, p. 102).

Quanto à profecia de Léon Denis, (e não Leão Denis) quem sobreviver verá. E, em outros termos, diz claramente que "O Espiritismo não é a religião do futuro, mas o futuro das religiões" (DENIS, s/d, p. 60). Esperemos para ver o que acontecerá.

E aí vai outra profecia sobre **O Futuro do Espiritismo**, recebida a 15 de abril de 1860:

O Espiritismo está chamado a desempenhar um papel imenso sobre a Terra; será ele que reformará a legislação tão frequentemente contrária às leis divinas; **será ele que reconduzirá a religião do Cristo que, nas mãos dos sacerdotes, se tornou um comércio e um vil tráfico; instituirá a verdadeira religião**, a religião natural, a que parte do coração e vai direto a Deus, sem se deter nas franjas de uma batina, ou no escadote de um altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais certos homens foram levados pelos abusos daqueles que se dizem os ministros de Deus, pregam a caridade com uma espada na mão, sacrificam à sua ambição, e ao espírito de dominação, os direitos mais sagrados da Humanidade.

Um Espírito.

(KARDEC, 1993e, p. 289) (grifo nosso).

A maioria dos nossos detratores pensa que a comunicação com os espíritos e a reencarnação, dois dos princípios básicos do Espiritismo, é uma questão de natureza religiosa. Enganam-se, são puramente leis naturais, que a ciência, com absoluta certeza, irá comprovar dentro de pouco tempo. As pesquisas atuais nos induz a concluir que esse tempo será relativamente curto. Quando isso ocorrer as religiões tradicionais terão que reformular seus conceitos, e não será a primeira vez que isso irá acontecer, lembrem-se do caso Galileu? Só esperamos que não levem 450 anos para aceitar essas verdades?

Ainda bem que o detrator disse que os espíritos "baixam", pois se dissesse sobem, poderia estar querendo dizer que estariam vindo do inferno, mas pelo que coloca veem do "céu".

É o cúmulo em distorção, pois até onde sabemos as coisas foram exatamente ao contrário, foi a Igreja de Roma que perseguiu implacavelmente a Maçonaria. Ela é que alimentou ódio extremado contra os maçons. Fatos que se podem comprovar pelos registros históricos e conforme nos informam amigos maçons.

Mas já que o nosso detrator que falar de perseguição, vejamos o que José de Souza e Almeida coloca no livro *Origem e Desenvolvimento do Cristianismo*, sobre o assunto:

Perseguições da Igreja

A Igreja, tanto a Oriental quanto a Ocidental, desde cedo transformou-se em perseguidora. E isso não é afirmação gratuita; de fácil comprovação, basta consultar as Enciclopédias, os manuais de História da Civilização, a bibliografia informativa (numerosa) quanto aos verbetes: heresias (luta contra), concílios, poder temporal da Igreja, conflitos entre o Papado e o Império, comércio dos sacramentos (Simonia), as punições da Igreja (excomunhão e interditos), Canossa, autoridade judicial da Igreja, guelfos, Noite de São Bartolomeu, Inquisição, a oposição da Igreja Romana à Igreja Oriental (Bizantina) e vice versa, a oposição dos muçulmanos; os Papas: Zacarias, Estevão II, Adriano I, Leão III, Estevão IV, João XII, Gregório VII, Inocêncio III, Inocêncio IV, Pio V, Bonifácio VIII, Alexandre III, Urbano II, Honório III, Gregório IX, Clemente VII e outros; a perseguição aos que se destacaram na filosofia ou na ciência: Abelardo, Frederico II (neto de Barbarroxa, Imperador da Alemanha), o famoso e extraordinário franciscano Roger (ou Rogério) Bacon (1214-1294), Erasmo, Sr. Thomas More (ou Tomás Mórus), Galileu, Blaise Pascal, o notável Miguel Servet (1515-153) queimado vivo em Genebra por ordem de Calvino, Campanella (1568-1639), Giordano Bruno (1550-1600) queimado vivo em Roma, Andréas Vesalius (1511-1553), John Wyclif (ou João Wiclef) (os chefes do movimento iniciado por ele foram decapitados), João Huss queimado vivo (seus seguidores, os hussitas, foram perseguidos em sangrentas guerras religiosas), Jerônimo de Praga, queimado vivo, Savonarola, excomungado pelo Papa Alexandre VI e queimado vivo, etc., etc.

E deixamos para final Joana D'Arc, a Donzela de Orleans (1412-1431). Heroína francesa. Pessoa simples, camponesa, inculta, afastada da vida política e clerical, mas muito religiosa, tinha êxtases durante os quais ouvia vozes, entre outras de São Miguel e de Santa Catarina, que lhe falavam de sua missão de libertar a sua pátria, então prestes a sucumbir aos ingleses, que a haviam invadido. Entretanto dificuldades e resistências, finalmente em 1429 conseguiu chegar-se ao rei, então Carlos VII, no cerco da cidade de Orleans. Conseguiu convencê-lo de sua sinceridade e sua fé. Com uma pequena hoste de soldados teve êxitos decisivos contra os ingleses.

Finalmente, traída pelos seus, caiu nas mãos dos borgonheses, que a venderam aos ingleses. Estes submeteram-na a julgamento em um tribunal eclesiástico, presidido por Pierre Cauchon, bispo de Beauvais. Respondeu a todos os interrogatórios com sabedoria e firmeza extraordinárias. Nada adiantou; foi condenada como feiticeira e herética. Morreu queimada em Ruão, França em 30 de maio de 1431, com impressionante coragem.

E logo começou sua veneração pelo povo francês.

Mais tarde, foi reabilitada pela Igreja, perdoada e beatificada em 1909. Canonizada em 1920, hoje é importante Santa da Igreja Católica.

Por que então foi queimada viva? Os franceses jogam a culpa nos ingleses. Mas a verdade é que no tribunal eclesiástico que a julgou e condenou, apenas oito eram ingleses, dos 131 juízes, além dos assessores e outros membros do clero. Um dos argumentos para sua condenação é que suas cartas eram iniciadas com a invocação "Jesus Maria", o que demonstraria um culto a Jesus não aprovado pelo Papa Martinho V, mas pelo antipapa Calisto.

Em 1517, veio a reforma do Catolicismo, de que resultaram as Igrejas Reformadas, ou Protestantes. E, infelizmente, elas também tornaram-se perseguidoras; dos três primeiros ramos que surgiram inicialmente, Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo, os mais tolerantes foram os Luteranos.

A "caça às bruxas", degradante perseguição religiosa, promovida pelos Calvinistas foi tão intensa quanto a dos Católicos.

No decorrer dos séculos surgiram numerosas outras seitas, algumas delas muito mais discriminadas e perseguidoras que o Catolicismo; discriminam,

menosprezam e perseguem todos aqueles que "não rezam pela suas cartilha". (ALMEIDA, 2002, p. 110-111).

Assim, vemos que perseguição é fato comum em todas as correntes do Cristianismo, incluindo aí a Igreja da qual faz parte o articulista. As barbaridades praticadas são tantas que não dá para dizer qual delas foi a pior.

Agora, por nossa vez, gostaríamos que relacionasse alguma coisa que o Espiritismo tenha feito contra qualquer pessoa de outra corrente religiosa para manchá-lo com o sangue dos que não nos seguem.

E nosso detrator está muito enganado, o Espiritismo não tem ódio de ninguém nem por qualquer tipo de instituição, muito menos religiosa. Mas, são as instituições religiosas é que perseguem o Espiritismo desde o nascedouro. Nessa perseguição usam da calúnia e da má-fé para colocar seus fiéis contra o Espiritismo. Nós representamos uma ameaça aos seus objetivos de se manterem no poder e o de acumularem riquezas, através da expropriação vil dos seus adeptos.

Naveguem pela Internet onde se poderá comprovar o que estamos dizendo. A quantidade de sites criados com o objetivo de combater o Espiritismo é impressionante. Se viesse de ateus, embora ainda não aceitável, nós até poderíamos compreender, mas vem justamente das correntes religiosas que se dizem cristãs, é lamentável. A quem eles seguem? A Jesus com certeza que não, pois não conseguimos encontrar nenhuma orientação que Ele tenha dado do tipo: "Persiga seus adversários". É o que dizemos: querem ser mais realista que o rei.

11. Fé e Obras

Dentro da orgulhosa doutrina espírita, a salvação virá exclusivamente pelas boas obras que cada um faz, "resgatando as suas dívidas".

Ora, eis o que lemos em S. Tiago:

"Por minhas obras te mostrarei a fé".

É preciso os dois. São interligados, como teoria e prática.

A respeito da fé, ainda vemos:

"Quem não crer será condenado" (Mc 16, 16).

"Sem fé é impossível agradar a Deus" (Hb 11,6).

É muita pretensão, característica do orgulhoso, achar que somente a Igreja a que pertence pode trazer a "salvação", o que também demonstra um forte egoísmo eclesial. Enquanto que no Espiritismo a salvação está nas mãos do próprio indivíduo, na Igreja está nas do padre. Pela Igreja os que salvam são os seus fiéis, pelo Espiritismo todos os seres humanos se salvarão. Se Deus "*faz chover sobre os justos e injustos*" é porque para Ele não há nenhum tipo de separação.

O passado da Igreja, registrado na história, não dá a ela moral suficiente para se arvorar em ser a única que leva alguém a se salvar. Sua máxima é "Fora da Igreja não há salvação", nitidamente de caráter individualista, enquanto que, no Espiritismo, a máxima é: "Fora da caridade não há salvação" de caráter completamente universalista. Jesus veio para uns poucos ou veio para toda a Humanidade?

Já falamos anteriormente, Jesus não pregou nenhuma salvação de "graça", sempre a condicionou à prática do amor ao próximo pela ação no bem. A parábola do Bom Samaritano é um bom exemplo disso, que por sua beneficência está justamente observando o critério do julgamento ensinado por Jesus: "*a cada um segundo suas obras*".

A interligação da fé e das obras, se fosse absolutamente necessária como diz o articulista, então a parábola do Bom Samaritano não teria sentido algum, pois o sacerdote e o levita que representavam a fé, nada fizeram em favor do necessitado, foi justamente o "herético" samaritano que fez, e é do que ele fez que Jesus recomenda: "*Vá tu e faça o mesmo*" (Lc 10,37).

Tiago procura realçar o valor das obras, quando diz: "*A fé sem obras é morta*" (2,17).

12. A Ressurreição

Por mais que São Paulo fale que a fé cristã é baseada na Ressurreição, e que sem esta seria vazia, os espíritas a ignoram totalmente. Falam em reencarnação, trazendo à tona os paganismos contra que S. Paulo tanto lutava.

Qualquer pessoa pode abrir o Novo Testamento e vê o quanto é destacada a Ressurreição. Não há porque se ampliar demais no tema.

Léon Denis, no livro *Cristianismo e Espiritismo*, diz:

De todos os padres da Igreja, foi Orígenes quem afirmou, de modo mais positivo, em numerosas passagens dos seus *Princípios* (livro nº 1), a reencarnação ou renascimento das almas. É esta a sua tese: "A justiça do Criador deve patentear-se em todas as coisas". Eis em que termos o abade Bérault-Bercastel resume a sua opinião:

"Segundo este doutor da Igreja, a desigualdade das criaturas humanas não representa senão o efeito do seu próprio merecimento, porque todas as almas foram criadas simples, livres, ingênuas e inocentes por sua própria ignorância, e todas, também por isso, absolutamente iguais. O maior número incorreu em pecado e, na conformidade de suas faltas, foram elas encerradas em corpos mais ou menos grosseiros, expressamente criados para lhes servir de prisão. Daí os procedimentos diversos da família humana. Por mais grave, porém, que seja a queda, jamais acarretara que o Espírito culpado a retrocessão à condição de bruto; apenas o obriga a recomeçar novas existências, que neste, quer em outros mundos, até que, exausto de sofrer, se submeta à lei do progresso e se modifique para melhor. Todos os Espíritos estão sujeitos a passar do bem ao mal e do mal ao bem. Os sofrimentos impostos pelo Bom Deus são apenas medicinais, e os próprios demônios cessarão um dia de ser os inimigos do bem e o objeto de rigores do Eterno". (*História da Igreja*, pelo abade Bérault-Bercastel)".

(DENIS, 1987b, 275).

A Igreja fez vistas grossas a tudo o que dizia respeito à reencarnação, até mesmo opinião de pessoas que se diz ser um dos "pais" da Igreja.

Jesus, para quem tem olhos de ver, ensinou a reencarnação sim. Na Bíblia realmente não encontramos a palavra reencarnação, até mesmo porque, a data de sua incorporação a um dicionário – Dicionário Inglês Short Oxford – ocorreu no ano de 1858, cerca de um ano após Kardec lançar *O Livro dos Espíritos*.

Mas, temos que sair da letra para entender as passagens em que encontramos esse conceito. Enfim, poderemos afirmar que a palavra reencarnação não está na Bíblia, mas o seu conceito lá está sem dúvida alguma, só que com o nome de ressurreição.

O conceito de reencarnar é nascer novamente em um outro corpo físico. Enquanto que o de ressurreição, preliminarmente, é voltar a viver no mesmo corpo físico. Só que no Evangelho encontramos pelo menos três significados para ressurreição.

O primeiro seria **o de voltar a viver em outro corpo**, que é o mesmo conceito de reencarnação, vejamos:

a) "Tendo chegado à região de Cesareia de Felipe, Jesus perguntou aos discípulos: 'Quem dizem por aí as pessoas que é o filho do homem?' Responderam: 'umas dizem que é João Batista, outras que é Elias, outras, enfim, que é Jeremias ou algum dos profetas'". (Mt 16,13-14).

Se não acreditassem que alguém que já havia morrido pudesse voltar em outro corpo não teria sentido algum aquilo que as pessoas pensavam sobre Jesus. Ora, justamente esse pensamento vem dizer que acreditavam na reencarnação, que para eles tinha o nome de ressurreição. Aceitavam que Jesus poderia ter sido alguém que tinha vivido antes – Elias, Jeremias, ou algum dos profetas – já que todos eles tiveram um corpo, que não foi o de Jesus é claro, trata-se, portanto da ideia da reencarnação. A única ressalva é que Jesus não poderia ser João Batista, já que foram contemporâneos.

b) "E, se quiserdes compreendê-los, João é o Elias que estava para vir. Quem tiver ouvidos, que ouça" (Mt 11,14-15).

Passagem em que Jesus afirma categoricamente que João Batista é Elias reencarnado, o mesmo que as profecias diziam que voltaria. E sabendo que não entenderiam, acrescenta: "Quem tiver ouvidos, que ouça", como a querer dizer, ninguém é obrigado a aceitar, mas o fato é que João Batista é a reencarnação do profeta Elias.

O segundo significado que encontramos é o **de voltar ao mesmo corpo físico**. Seria o caso das passagens que narram a ressurreição da filha de Jairo, a do filho da viúva de Naim e a de Lázaro. Entretanto, segundo podemos entender, não se tratam propriamente de ressurreição, mas de uma cura. Casos de letargia e catalepsia podem levar uma pessoa a ficar até oito dias como "morta". Atualmente são registrados inúmeros casos em que a pessoa após ter sido diagnosticada como morta, volta à vida, são as chamadas EQM – experiência de quase morte. Agora imaginemos naquela época onde os recursos da medicina eram extremamente precários.

Na passagem que narra o caso da filha de Jairo, Jesus disse: "A menina não morreu. Está apenas dormindo" (Mc 5,35). No caso de Lázaro (Jo 11,1-44), Jesus diz que "A doença de Lázaro não é para a morte" (v. 4); "O nosso amigo Lázaro adormeceu. Eu vou acordá-lo" (v.11); mas estranhamente contradiz logo em seguida dizendo: "Lázaro está morto" (v. 14). Ao que tudo indica, trata-se de uma interpolação, pois se retirarmos do texto os versículos 12 ao 16, não há nenhuma solução de continuidade no texto, mantendo-se a coerência da narrativa.

E, finalmente, o terceiro é **a ressurreição definitiva**. O único caso registrado no Evangelho é a do próprio Cristo que ressuscitou ao terceiro dia. Essa é a ressurreição que todos nós teremos, só que ao final da nossa evolução espiritual, quando não necessitarmos mais reencarnar, como já era a situação de Jesus.

Devemos ainda destacar que a Igreja Católica afirma que haverá "ressurreição da carne", que não é bíblica, fato que a ciência diz ser completamente impossível. Será que os teólogos católicos não entenderam o que Paulo fala na carta ao Coríntios, a partir do versículo 35, no capítulo 15? É tão óbvio que não dá para entender porque não aceitam. Diz lá que "semeando um corpo animal, ressuscita corpo espiritual", ou seja, nós ressuscitaremos (voltar a viver a condição de espírito) em corpo espiritual não no físico.

Podemos ainda, argumentar que: se "Deus é espírito" (Jo 4,24), se "o Espírito que dá vida, a carne de nada serve" (Jo 6,63) e se "a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus" (1Cor 15,50), o que faremos com um corpo físico na outra dimensão onde tudo é espiritual?

Comprovamos que o assunto reencarnação nada tem a ver como o paganismo, já que é bíblico. Mas se Paulo lutava tanto contra o paganismo, porque então a Igreja Católica buscou no paganismo muito dos seus rituais? Vejamos o caso da procissão como exemplo:

a) 1Rs 12,30: "O povo foi em **procissão diante do bezerro** até Dã".

b) 2Mc 6,7: "... Quando chegavam as festas de Dionísio, eram obrigados a participar da **procissão em honra a Dionísio**, com ramos de hera na cabeça".

Observar que esse ritual, a procissão, era praticada nos rituais pagãos.

Anteriormente, colocamos alguma coisa a respeito dos ritos pagãos que foram incorporados às práticas do catolicismo.

O que parece é que os teólogos fizeram vistas grossas para o pensamento dos hebreus sobre a reencarnação. Vejamos o que coloca o ex-pastor Jayme Andrade:

Vejamos o ensino da doutrina palingenésica entre os hebreus:

"Os iniciados judaicos, em épocas remotas, haviam registrado a doutrina secreta em 2 obras célebres: o ZOHAR d o SCPHER-JESIRAH, - que juntas formaram a 'CABALA', uma das obras capitais da ciência esotérica" (Gabriel Delanne, em 'Depois da Morte', pg. 80)".

"A 'CABALA' é o ensino secreto dos israelitas, e foi nela que se

conservaram ocultos os pontos mais elevados da doutrina, que não podiam ser ensinados publicamente. O ensinamento das reencarnações das almas acha-se claramente expresso no 'ZOHAR':

'Todas as almas são submetidas às provas das transmigrações. Os homens não conhecem o caminho do Mais Alto, não sabem como são julgados em todos os tempos e ignoram por quantos sofrimentos e transformações misteriosas devem passar (...). As almas devem, finalmente, mergulhar na substância de onde saíram. Porém antes devem ter desenvolvido todas as perfeições cujos germes estão plantados nelas; mas se estas condições não são realizadas em uma existência, renascerão até que tenham atingido sua absorção em Deus.' (cit. por FRANCK, em "LA KABBALÉ", pg. 244)".

(ANDRADE, J. 1997, p. 179-180).

O pesquisador brasileiro sobre reencarnação, Dr. Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), quando fala em seu livro *Você e a Reencarnação* sobre o Judaísmo e Cristianismo, nos traz a seguinte informação:

Flavius Josephus (37 a 95. a.D.), intelectual e historiador judeu, em sua famosa obra *De Bello Judaico*, faz a seguinte advertência aos soldados judeus que preferiam desertar, suicidando-se:

"Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem nos mais humildes dos lugares celestiais, e que no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes? Mas que as almas daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevosas do mundo inferior" (*Josephus*, 1910).

(ANDRADE, H., p. 28)

Assim, mais uma vez, provamos que a reencarnação não é pensamento exclusivo dos pagãos. Mas, como ficaria o controle que se quer fazer sobre os indivíduos se aceitarem a reencarnação? O batismo, o pecado original, a confissão, o céu, o inferno, o purgatório, a extrema-unção, a ressurreição da carne de que valeriam?

13. As Aparições

A Bíblia enumera alguns casos de aparição, onde anjos enviados por Deus vem a Terra dar a sua colaboração no plano salvífico. Todas estas aparições que aí vemos são de iniciativa própria, única e exclusiva de Deus, mas os espíritas acreditam que elas podem ser provocadas, à total revelia do que demonstra a Bíblia.

E os casos de "encarnação", espíritos invadindo corpos, simplesmente são alheios a Bíblia, o que dispensa maiores comentários.

A mesma Bíblia deixa claro: "não evocar os mortos". Não se entende como uma proibição tão forte do próprio Deus poderia ser fundamento de uma religião deste mesmo Deus, já que uma das qualidades divinas é ser imutável.

A primeira questão que deveremos ver é a resposta à pergunta: o que é um anjo?

Tb 5,4-5: "**Tobias saiu para procurar uma pessoa que pudesse ir com ele até a Média e conhecesse o caminho. Logo que saiu, encontrou o anjo Rafael bem à frente dele, mas não sabia que era um anjo de Deus. Tobias lhe perguntou: 'De onde você é, rapaz?' Ele respondeu: 'Sou israelita, seu compatriota, e estou aqui procurando trabalho'**".

Por essa passagem podemos identificar o anjo como um rapaz, observar que até o nome é nome de seres humanos.

Dn 8,15-16: "**Eu, Daniel, estava olhando e procurando entender a visão, quando de repente apareceu de pé diante de mim a figura de um homem. Então, vinda do rio Ulai, ouvi uma voz que gritava: 'Gabriel, explica a visão para ele'**" e Daniel 9, 21: "**Eu ainda estava fazendo a minha súplica, quando Gabriel, o homem que eu tinha visto no começo da visão, veio voando rápido para perto de mim...**".

Aqui no livro de Daniel, vemos novamente um anjo sendo identificado com um homem. Seu nome? Gabriel, nome comum a seres humanos.

Veremos agora alguma coisa no Novo Testamento:

At 10,3.30: "*Certo dia, pelas três horas da tarde, Cornélio teve uma visão. Viu claramente que **um anjo** de Deus vinha ao seu encontro, chamando: 'Cornélio!'*". "*Cornélio então respondeu: 'Há quatro dias, nesta mesma hora, eu estava em casa recitando a oração das três horas da tarde, quando se apresentou diante de mim **um homem** com vestes resplandecentes'*".

A visão que Cornélio teve do anjo foi descrita como um homem com vestes resplandecentes.

At 12,6-16: "*Herodes estava para apresentar Pedro. Nessa mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados. Estava preso com duas correntes, e os guardas vigiavam a porta da prisão. De repente, apareceu o anjo do Senhor, e a cela ficou toda iluminada. O anjo tocou o ombro de Pedro, o acordou, e lhe disse: 'Levante-se depressa'. As correntes caíram das mãos de Pedro. ... Pedro então refletiu e foi para a casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos, onde muitos se haviam reunido para rezar. Bateu à porta, e uma empregada, chamada Rosa, foi abrir. A empregada reconheceu a voz de Pedro, mas sua alegria foi tanta que, em vez de abrir a porta, entrou correndo para contar que Pedro estava ali, junto à porta. Os presentes disseram: 'Você está ficando louca!' Mas ela insistia. Eles disseram: '**Então deve ser o seu anjo!**' Pedro, entretanto, continuava a bater. Por fim, eles abriram a porta: era Pedro mesmo. E eles ficaram sem palavras'*".

Herodes prende Pedro, com isso todos esperavam que fosse executado, entretanto um anjo vai libertá-lo. Ele então vai para casa da mãe de João, a empregada Rosa o atende. Só que em vez de abrir a porta, ela vai para dentro contar aos outros. Eles não acreditam e dizem: "*Então deve ser o seu anjo*", uma vez que pensavam estar Pedro morto. Então, vejam que a palavra "anjo" é usada como sinônimo de espírito.

Está comprovado que um anjo tem a aparência um ser humano. Ora, quando um espírito aparece a uma pessoa também tem, é claro, a forma humana. Assim, o conceito de anjo é: o espírito de um ser humano que morreu, ou seja, o que para nós é um espírito, eles denominavam de anjo.

Jesus não disse que "*seremos como os anjos do céu*" (Mt 22,30), ou seja, após nossa ressurreição definitiva, nos tornaremos iguais aos anjos do céu.

Provamos que a aparição de espíritos acontece dentro da Bíblia. E mais, podemos acrescentar que em 1Sm 28 e em Mt 17,1-4, existe manifestação de espíritos. Na primeira o espírito Samuel aparece para o rei Saul, na segunda os espíritos Moisés e Elias aparecem para Jesus.

O interessante é que se realmente a questão da proibição da comunicação com os "mortos" fosse tão importante assim, por que será que Deus não a colocou entre os Dez Mandamentos? Por que motivo Jesus conversou com dois mortos?

A primeira manifestação de espírito que se têm como a origem do Espiritismo aconteceu em 1848, no vilarejo de Hydesville, em Rochester, estado de Nova York, EE.UU. Todos os que estudam seriamente o Espiritismo sabem que, quando os "raps" iniciaram na casa da família Fox, eles não foram provocados. O próprio autor das batidas foi quem veio livremente e se identificou como sendo um espírito. Espírito, esse que ninguém tinha o menor conhecimento. E para quem não sabe a família Fox era da Igreja Episcopal Metodista, plenamente avessa às manifestações espirituais, inclusive acabaram por expulsar a família Fox da Igreja por causa delas. Foram criadas três comissões para investigar os fatos. Nessa época as irmãs Kate e Margaret, passaram "os diabos" por causa dos acontecimentos.

Vejamos o que nos diz, sobre elas e sobre os fatos ocorridos, Gabriel Delanne, em *O Fenômeno Espírita*:

Acusadas de impostura e intimadas pelos ministros de sua confissão a renunciarem a essas práticas, o senhor, e a senhora Fox, compenetrados do

dever supremo de propagar o conhecimento dos fenômenos, que consideravam como grande e consoladora verdade, útil a todos, recusaram submeter-se, e foram expulsos de sua igreja. Os adeptos que se reuniam ao seu redor foram vítimas da mesma reprovação.

Sabe-se que o espírito clerical é o mesmo, seja qual for a latitude em que reine. Intolerância e fanatismo, eis a sua divisa, e, se o braço secular não está mais em seu poder, restam-lhe ainda mil meios para perseguir aqueles que não querem inclinar-se ao seu jugo.

Os conservadores fanáticos *da fé dos avós* sublevaram a multidão contra a família Fox. Os apóstolos da nova fé ofereceram-se, então, para fazer a prova pública da realidade das manifestações, diante da população reunida no Corinthian-Hall, o maior salão da cidade. Começou-se por uma conferência, onde foram expostos os progressos do fenômeno deste os primeiros dias.

Esta comunicação foi acolhida por uma vaia, mas, não obstante isso, terminou pela nomeação de uma Comissão encarregada de examinar os fatos. Contra a expectativa geral e contra a sua própria convicção, a Comissão viu-se forçada a declarar que, depois de minucioso exame, não tinha podido descobrir vestígio de fraude.

Nomeou-se uma segunda Comissão, que recorreu a processos de investigação mais rigorosos; fez esquadrinhar e mesmo despir as médiuns, por senhoras, bem entendido; ouviram-se sempre os estalidos ou pancadas na mesa, viram-se móveis em movimento; respostas foram obtidas sobre todas as questões, mesmo mentais; nada havia nisso de ventriloquia, de subterfúgios; nenhuma fraude foi possível encontrar. Essa Comissão apresentou um laudo mais favorável ainda que a primeira sobre a perfeita boa-fé dos espíritas e sobre a realidade do incrível fenômeno. É impossível, diz a Sr^a Hardinge, descrever-se a indignação que se manifestou ante a segunda decepção.

Uma *terceira* Comissão foi escolhida entre os mais incrédulos e mais motejadores. O resultado desta investigação, ainda mais vexatória para as duas pobres jovens que as anteriores, confundiu mais do que nunca os seus detratores.

O ruído do insucesso deste exame supremo espalhou-se pela cidade.

A população, exasperada, julgando ter havido traição dos comissários e conivência destes com os impostores, declarou que, se o laudo lhes fosse favorável, lincharia as médiuns e seus advogados. As jovens, apesar do terror, escoltadas por sua família e por alguns amigos, não deixaram de apresentar-se na reunião, e pediram lugar no estrado da grande sala, decididos todos a perecer, se isso fosse necessário, mártires de uma impopular, mas incontestável verdade.

A leitura do relatório foi feita por um membro da Comissão que havia jurado descobrir a trama; ele, porém, viu-se obrigado a confessar que a causa das pancadas, apesar das mais minuciosas pesquisas, era-lhe desconhecida.

Imediatamente, produziu-se um tumulto medonho; a população quis linchar as jovens, e o teria feito, se não fosse a intervenção de um americano chamado Georges Villets, que fez do seu corpo um escudo e induziu a multidão a sentimentos mais humanos. (DELANNE, 1977, p. 25-26).

Dos fatos acontecidos com a família Fox podemos concluir que os espíritos se manifestam sem qualquer tipo de evocação, se isso ocorre é porque houve permissão de Deus. E se os evocamos e eles se apresentam, também, é por permissão de Deus. E se Deus permite quem poderá ser contra Ele? Os fanáticos que se julgam os donos da vontade de Deus? E se um dos atributos de Deus é ser imutável, podemos concluir que se a manifestação de um espírito aconteceu naquela época pode acontecer novamente e sempre acontecerá, pois faz parte das leis de Deus.

Mas, apesar de ser tão rigorosa a proibição da evocação dos mortos, os católicos ao fazerem um pedido aos santos não estão evocando um morto? E não nos venha com a tal de interseção, pois se rogamos aos santos para intervir por nós junto a Deus e eles fazem o que pedimos, em bom português, houve uma comunicação entre os dois planos, quer gostem ou não.

Arthur Conan Doyle, autor do livro *História do Espiritismo*, nos trás uma importante informação sobre o que disse Santo Agostinho, em sua *De cura pro Mortuis*. Diz o santo

católico: "Os Espíritos dos mortos podem ser mandados aos vivos, aos quais podem desvendar o futuro, que ficaram conhecendo por outros Espíritos ou pelos Anjos" (isto é, pelos guias espirituais) "ou pela revelação divina". (DOYLE, 1995, p. 453).

Interessante também o que encontramos no livro *Memórias de Padre Vítor*, sobre uma entrevista com um padre católico:

Em primeiro lugar, a entrevista que, em novembro de 1997, o padre Gino Concetti, comentarista do Osservatore Romano, órgão oficial do Vaticano, concedeu à agência de notícias Ansa, na qual tornou pública a nova postura da Igreja com relação à mediunidade e às relações com os mortos. Como foi amplamente divulgado na ocasião, a Igreja não só admite a comunicação com os falecidos, como reconhece que ter um contato com a alma dos entes queridos que já partiram para o Além pode aliviar os que tenham, porventura, ficado perturbados com esse transe.

Eis alguns tópicos da citada entrevista:

- O que significa essa nova postura?

Gino Concetti: "Segundo o catecismo moderno, Deus permite aos nossos caros defuntos que vivem na dimensão ultraterrestre enviar mensagens para nos guiar em certos momentos da vida. Após as novas descobertas no domínio da psicologia sobre o paranormal, a Igreja decidiu não mais proibir as experiências do diálogo com os falecidos, sob a condição de que elas sejam levadas com uma finalidade séria, religiosa e científica".

- Para interpretar esses fenômenos, a Igreja lhes permite recorrerem aos chamados sensitivos e aos médiuns?

Gino Concetti: "Sim, a Igreja permite recorrer a essas pessoas particulares, mas com uma grande prudência e sob certas condições. Os sensitivos aos quais se pode pedir assistência devem ser pessoas que levem suas experiências, mesmo aquelas com técnicas modernas, inspirando-se na fé. Se essas últimas forem padres, será ainda melhor. A Igreja interdita todos os contatos de fiéis com aqueles que se comunicam com o Mais Além praticando a idolatria, a evocação dos mortos, a necromancia, a superstição e o esoterismo. Todas as práticas ocultas que incitem à negação de Deus e dos sacramentos".

- Com que motivações um fiel pode encetar um diálogo com os falecidos?

Gino Concetti: "É necessário não se aproximar muito do diálogo com eles, a não ser nas situações de grande necessidade. Alguém que perdeu, em circunstâncias trágicas, familiares e não se resigna com a ideia de seu desaparecimento. Ter um contato com a alma de tais entes queridos pode aliviar um Espírito perturbado por esse drama. Pode-se igualmente dirigir-se aos falecidos, se tem necessidade de resolver um grave problema de vida. Nossos antepassados, em geral, nos ajudam e nunca nos enviarão mensagens contra nós mesmos ou contra Deus".

- Que atitudes convêm evitar durante os contatos mediúnicos?

Gino Concetti: "Não se pode brincar com as almas dos falecidos. Não se pode evocá-los por motivos fúteis, para obter, por exemplo, um número de sorteio. Convém também ter grande discernimento a respeito dos sinais do Mais Além e não muito enfatizá-los. Arriscar-se-ia a cair na mais suspeita e excessiva credulidade. Antes de mais nada, não se pode abordar o fenômeno da mediunidade sem a força da fé. Arriscar-se-ia a perder o equilíbrio psíquico e mergulhar inteiramente na possessão demoníaca".

(CAZETTA, 2001, p. 7-8) (grifo do original).

E já que, um pouquinho atrás, falamos em santo, vejamos o que o Santo Padre diz: "**O diálogo com os mortos não deve ser interrompido, pois, na realidade, a vida não está limitada pelos horizontes do mundo**". (João Paulo II, Basílica de São Pedro, em 2 de novembro de 1983, perante mais de 20.000 pessoas). (SABINO, 2005, p. 93). (grifo nosso).

Afinal o papa está ou não com a razão? Será que ele estaria dizendo para se desobedecer a uma ordem divina? É claro que não, porque essa ordem não partiu de Deus, foi Moisés que, necessitando acabar com os abusos no intercâmbio com os mortos, proibiu a

evocação deles.

Se um espírito "invadir" um corpo estaremos diante de uma possessão, não de uma encarnação. Essa, já o dissemos, Jesus confirmou ao falar que João Batista era o espírito de Elias reencarnado. Mas, podemos comprovar que até mesmo casos de possessão podemos encontrar na Bíblia. Senão vejamos no 1Sm 16,14-23:

*"O espírito de Javé afastou-se de Saul, e ele **começou a ficar agitado por um espírito mau**, enviado por Javé. Então os servos de Saul lhe disseram: "Você está sendo agitado por um espírito mau enviado por Deus. Dê uma ordem, e nós, seus servos, vamos procurar alguém que saiba tocar harpa; desse modo, **quando o espírito mau enviado por Deus o atormentar, alguém tocará para você, e você se sentirá melhor**". Então Saul ordenou: "Procurem alguém que saiba tocar bem e o tragam para mim". ... Davi chegou ao palácio e se apresentou a Saul; o rei ficou muito bem impressionado com ele, e o tornou seu escudeiro. ...Todas as vezes que o espírito de Deus atacava Saul, **Davi pegava a harpa e tocava. Então Saul se acalmava, sentia-se melhor, e o espírito mau o deixava**".*

Em linguagem popular: o Rei Saul ficava possuído por um espírito mau que se retirava toda vez que Davi tocava a sua harpa. Leia-se obsessão (possessão) com a desobsessão sendo feita por meio da música. O pior cego é aquele que não quer ver.

Vejamos agora a última questão que o detrator coloca nessa parte: "A mesma Bíblia deixa claro: 'não evocar os mortos'. Não se entende como uma proibição tão forte do próprio Deus poderia ser fundamento de uma religião deste mesmo Deus, já que uma das qualidades divinas é ser imutável".

A passagem mais usada para dizer que a "evocação" dos mortos é proibida, é Dt 18,9-11, cuja tradução foi deturpada pelas Igrejas tradicionais, visando atingir o Espiritismo. A tradução correta, conforme nos diz Severino Celestino, em seu livro *Analisando as Traduções Bíblicas* (p. 87), é:

*"Quando entrares na terra que Iahvéh, teu Deus, te dá, não aprendas a fazer as abominações daquelas nações. Não se achará em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem adivinhador, nem feiticeiros, nem agoureiro, nem cartomante, nem bruxo, nem mago e semelhante, nem quem consulte o necromante e o adivinho, nem **quem exija a presença dos 'mortos'**".*

Aos que duvidarem da tradução feita por Severino Celestino, que façam a sua contestação, mas, diante mão, iremos dizer que seu trabalho foi supervisionado por um rabino, no que se refere ao significado dos termos hebraicos, a fim de fugir das traduções de conveniência que existem por aí.

No mais a passagem bíblica não poderia estar proibindo algo que só aconteceria em 1857, época em que Kardec lança as bases do Espiritismo, quando publica o Livro dos Espíritos. Assim essa passagem não é para o Espiritismo. E por falar nisso algumas Bíblias foram vergonhosamente adulteradas, já que encontramos nelas as palavras Espiritismo, Espírita e Médiuns, quando todas são neologismos criados por Kardec no ano de 1857.

Tudo quando se proíbe nessa passagem está relacionado à questão de adivinhação, a própria necromancia era justamente isso, ou seja, evocação dos mortos para fins de adivinhação e ao que sabemos não é o que fazemos no Espiritismo.

"Era costume dos adivinhos se deitarem de bruços sobre os túmulos para tentarem estabelecer um diálogo com os mortos. Acreditavam com isso ser possível o diálogo", nos informa Severino Celestino (p. 90), daí a proibição de exigir a presença do morto, feita por Moisés.

14. O inferno

Não existe inferno nem demônios no Espiritismo. Há apenas espíritos atrasados que pouco podem contra nós. Mera questão de conveniência, já que a existência de um inferno eterno levaria abaixo toda a obra de Kardec.

Mas como São Mateus e São Marcos eram inspirados, eis que fico com estes, onde facilmente lemos:

"Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos".

"Mas quem blasfemar contra o Espírito Santo jamais será perdoado, será réu de um pecado eterno".

Enfim, a Bíblia é clara ao falar da existência e eternidade do inferno, "onde o verme não morre e o fogo não se apaga".

Qualquer um pode abrir a Bíblia e vê passagens como as supracitadas.

Não acreditar na existência do inferno para nós não é questão de conveniência, mas de inteligência mesmo. Conveniência é dos teólogos católicos que querem mantê-lo no imaginário das pessoas, já que é o único meio de se subjugar os fiéis. Todo o edifício cuja base está assentada em areia ruirá um dia, assim querem manter de pé algo que fatalmente irá cair muito em breve.

Gostaríamos de encontrar alguém para explicar como se encaixaria o inferno nas passagens:

"O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre sua ira". (Sl 103,8-9).

"Por isso, castigas com brandura os que erram. Tu os admoestas, fazendo-os lembrar os pecados que cometeram, para que, afastando-se da maldade, acreditem em ti, Senhor" (Sb 12,2).

No livro *Cristianismo e Espiritismo* de Léon Denis, lemos:

A Igreja, pelo órgão dos seus mais autorizados teólogos, julgou ter o direito de afirmar que nenhum sentimento de piedade e caridade subsistia no coração dos crentes e dos bem-aventurados a respeito dos que tivessem, porventura, sido seus pais, parentes, companheiros de existência neste mundo:

"Os eleitos, no céu, não conservam sentimento algum de amor e amizade pelos réprobos; não sentem por eles compaixão alguma e que, por outro lado, neles terá expirado toda compaixão, porque admirarão a justiça divina" (*Summa Theologia*, de S. Tomás de Aquino; suplemento da parte III, quest. 95, arts. 1, 2 e 3, edição de Lião, 1685, t. II, pág. 425)".

É também essa a opinião de S. Bernardo (Tratado *De diligendo Deo*, cap. XV, 40; edição Mabillon, t. I, col. 601).

Aí a consequência tirada por certos autores místicos: 'Para chegar, desde este mundo, à vida perfeita, é preciso não conservar ligação alguma culposa; se, pois, um pai, mãe, marido ou esposa, etc., morreram como criminosos, ostensivamente e em estado de pecado mortal, convém arrancar do coração toda lembrança deles, pois que são perpetuamente odiados por Deus e ninguém os poderia amar sem impiedade".

Doutrina monstruosa, destruidora de toda a ideia familiar e bem diferente dos ensinamentos do Espiritismo, que fortificam o espírito de família, mostrando-nos os vínculos que ligam seus membros, preexistentes e persistentes na vida do espaço. Nenhuma alma é odiada por Deus. O Amor infinito não pode odiar. A alma criminosa expia, redime-se, cedo ou tarde se reabilita com o auxílio de suas irmãs mais adiantadas. (DENIS, 1987b, p. 247-248).

Em Lc 16,19-31, Jesus narra a parábola do rico e Lázaro, especificamente nos versículos 27-28, o rico "nos tormentos", pede a Abraão para que mande Lázaro, à casa de seu pai, para prevenir seus cinco irmãos para que eles não acabem como ele, indo para um lugar de "tormentos".

Analisemos bem: segundo os teólogos católicos, os que se encontram no "céu" não têm a menor preocupação com seus parentes "pecadores", enquanto que, por essa parábola, um pecador no "inferno" se preocupa com seus parentes. Quer dizer que os bons tornam-se egoístas ao irem para o "céu". Já os criminosos (provavelmente todos eles egoístas), que se encontram no "inferno", mostram despreendimento, pois se preocupam com os parentes que ficaram, querendo que eles não vão para o lugar de sofrimento aonde se encontram. Será que é isso que acontece? Pode existir uma coisa absurda dessa?

Será que as mães que vemos, quase todos os dias, na porta das penitenciárias, preocupadas com seus filhos, quando de uma rebelião, deixarão de se preocupar com eles quando elas forem para o céu? Se isso ocorrer, ou seja, deixarmos de nos preocupar com nossos familiares, é bem certo que não tem sentido algum a instituição da família, deveríamos então nascer igual aos animais sem vínculo algum com ninguém.

"A letra mata o espírito vivifica" (2Cor 3,6), ao quererem pegar tudo ao pé da letra cometem esses absurdos.

O fato de ler Bíblia é uma coisa, entender é outra completamente diferente, o articulista é uma prova real disso.

Informa-nos José Reis Chaves, no livro *A Face Oculta das Religiões*:

Na sua Encíclica "Providentissimus Deus", o Papa Leão XIII, diz sobre a Bíblia: "Deus, com o seu sobrenatural poder, por tal forma moveu os escritores sagrados a escrever, e lhes assistiu enquanto escreviam, que só concebiam e escreviam o que Lhe aprazia dizer-nos, expressando-se com infalível verdade; ao contrário, não se poderia dizer Autor de toda a Bíblia". (CHAVES, 2001, p. 49).

Ora, podemos concluir então que não somente Mateus e Marcos foram inspirados, mas todos os evangelistas, segundo essa Encíclica da própria Igreja Católica. Assim, gostaria de saber das questões abaixo, qual dos autores foi o mais inspirado, para podermos distinguir qual deles está "expressando com infalível verdade" pelo poder sobrenatural de Deus:

a) Onde moravam os pais de Jesus?

Mt 2,1: *"Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém".*

Mt 2,13: *"Tendo eles partido, eis que aparece um anjo do Senhor a José em sonho, e diz: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para matar".*

Mt 2,21-23: *"Dispôs-se ele, tomou o menino e sua mãe, e regressou para a terra de Israel. Tendo, porém, ouvido que Arquelau reinava na Judeia em lugar de se pai Herodes, temeu ir para lá; e, por divina advertência prevenido em sonho, retirou-se para as regiões da Galileia. E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito, por intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno".*

Lc 1,26-27: *"No sexto mês foi o anjo Gabriel enviado da parte de Deus, para uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria".*

Lc 2,1: *"Naqueles dias foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se".*

Lc 2,3-5: *"Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, para a Judeia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida".*

Pelo relato de Mateus a família de Jesus morava em Belém só depois é que se mudou para Nazaré. Entretanto Lucas coloca a cidade de Nazaré como se fosse o local aonde vivia a sagrada família, que teve que ir a Belém apenas para atender ao decreto do recenseamento. Quem está com a razão?

b) Quantos estavam possessos?

Mt 8,28: *Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho".*

Mc 5,1-3: *"Entrementes chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos. Ao*

desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo, o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo”.

Lc 8,26-27: “Então rumaram para a terra dos gerasenos, fronteira da Galileia. Logo ao desembarcar, veio da cidade ao seu encontro um homem possesso de demônios que, havia muito, não se vestia, nem habitava em casa alguma, porém vivia nos sepulcros”.

Mateus diz tratar-se de dois endemoninhados ao passo que Marcos e Lucas dizem ser apenas um. Afinal quantos eram os possessos? Estavam possessos de espírito imundo ou de demônios? Ou os dois termos querem dizer a mesma coisa?

c) Como e onde se deu a cura de um parálítico?

Mt 9,1-2: “Entrando Jesus num barco, passou para a outra banda, e foi para a sua própria cidade. E eis que lhe trouxeram um parálítico deitado num leito”.

Mc 2,1-4: “Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e logo correu que ele estava em casa. Muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar; e anunciava-lhes a palavra. Alguns foram ter com ele, conduzindo um parálítico, levado por quatro homens. E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o eirado no ponto correspondente ao em que ele estava e, fazendo uma abertura, baixaram o leito em que jazia o doente”.

Lc 5,17-19: “Ora, aconteceu que num daqueles dias, estava ele ensinando, e achavam-se ali assentados fariseus e mestres da lei, vindos de todas as aldeias da Galileia, da Judeia e de Jerusalém. E o poder do Senhor estava com ele para curar. Vieram então uns homens trazendo em um leito um parálítico; e procuravam introduzi-lo e pô-lo diante de Jesus. E não achando por onde introduzi-lo por causa da multidão, subindo ao eirado, o desceram no leito, por entre os ladrilhos, para o meio, diante de Jesus”.

Na narrativa de Mateus o parálítico é levado a Jesus, deixando a entender que não houve nenhum obstáculo para isso. Mas Marcos e Lucas dizem que tiveram que descê-lo pelo telhado, pois a multidão não deixava que o levassem a Jesus. Mateus diz que Jesus chegou à sua cidade. Seria Nazaré? Marcos diz ser Cafarnaum. Quanto a Lucas não diz em qual cidade. Como de fato ocorreu esse episódio?

d) Quantos eram os cegos de Jericó?

Mt 20,29-30: “Saindo eles de Jericó, uma grande multidão o acompanhava. E eis que dois cegos, assentados à beira do caminho, tendo ouvido que Jesus passava, clamaram: ‘Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós!’”.

Mc 10,46-47: “E foram para Jericó. Quando ele saía de Jericó, juntamente com os discípulos e numerosa multidão, Bartimeu, cego mendigo, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho. E, ouvindo que era Jesus, o Nazareno, pôs-se a clamar: ‘Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!’”.

Lc 18,35-38: “Aconteceu que, ao aproximar-se ele de Jericó, estava um cego assentado à beira do caminho, pedindo esmolas. E, ouvindo o tropel da multidão que passava, perguntou o que era aquilo. Anunciaram-lhe que passava Jesus, o Nazareno. Então ele clamou: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!”.

Aqui temos Mateus dizendo que eram dois cegos em contradição com Marcos e Lucas que afirmam ser apenas um. Por que somente Marcos identifica quem era este cego? Qual das inspirações é a verdadeira?

e) Quem era a mulher com alabastro?

Mt 26,6-7: “Ora, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, aproximou-se dele uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sobre a cabeça, estando ele à mesa”.

Mc 14,3: “Estando ele em Betânia, reclinado à mesa, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher trazendo um vaso de alabastro com preciosissimo perfume de nardo puro, e,

quebrando o alabastro, derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus”.

Lc 7,36-38: “Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, corando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento”.

Jo 12,1-3: “Seis dias antes da páscoa, foi Jesus para Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. Deram-lhe, pois, ali, uma ceia; Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa. Então Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com perfume do bálsamo”.

Mateus e Marcos relatam que Jesus estava em casa de Simão, o leproso, e que uma mulher havia derramado o vaso de alabastro na cabeça de Jesus, não identificando quem era ela. Só que João diz que a mulher era Maria a irmã de Lázaro, que o fato acontecia na casa de Lázaro e que ao invés de jogar o perfume na cabeça ela ungiu os pés de Jesus. Em Lucas temos que esta mulher é uma pecadora, portando não poderia ser a Maria irmã de Lázaro. Como no meio de tanta divergência tudo pode ser inspirado por Deus?

f) Quem apareceu às mulheres?

Mt 28,2-3: “E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago e a sua veste alva como a neve”.

Mc 16,4-5: “E, olhando, viram que a pedra já estava revolvida; pois era muito grande. Entrando no túmulo, viram um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco, e ficaram surpreendidas e atemorizadas”.

Lc 24,2-4: “E encontram a pedra removida do sepulcro; mas, ao entrar, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Aconteceu que, perplexas a esse respeito, apareceram-lhes dois varões com vestes resplandecentes”.

Jo 20,11-12: “Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos vestidos de branco sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés”.

Vejam a divergência na quantidade e na forma da aparição. Apesar dela ser registrada por todos os evangelistas, Mateus diz ser um anjo, Marcos um jovem, Lucas dois varões e João dois anjos. Mas o que realmente apareceu?

Paremos, para não estendermos, mais do que já o fizemos, pois que a lista é longa.

15. O Purgatório

O Espiritismo distorce a ideia do purgatório cristão, tentando vê neste o "mundo espiritual" para as purificações e reencarnações.

Ora, quem está no purgatório tem o céu como destino, não a Terra ou outro planeta.

O ser humano, gozando de seu livre arbítrio e não do determinismo cármico, tem duas opções: negar a Deus ou aceitá-lo. A primeira hipótese, o conduz ao inferno. A segunda, abre a possibilidade da salvação.

Este último, que fez a opção correta pode, ao morrer, pode carregar consigo alguns pecados, impurezas que o mancham, e nada de "impuro entrará no céu". Com tal, Deus não o condena, mas este há de se purificar-se:

"Se a obra construída sobre o fundamento resistir, o autor receberá um prêmio, e aquele cuja obra for consumida sofrerá o dano; ele, todavia, se salvará, mas como quem passa pelo fogo". (I Cor 3,14-15).

Há, porém, como já vimos um outro fogo, eterno preparado para o diabo e seus anjos. Este é para quem disse Não a Deus. Um fogo bem diferente do fogo do purgatório ou do fogo de Pentecostes.

Aqui as coisas ficaram interessantes, pois não há nenhuma citação na Bíblia do purgatório, entretanto esse parece ser muito mais justo que o inferno que é citado. Se entendermos que purgatório seja sofrimento para purificação de crimes ou faltas cometidas; expiação, ou conforme o latim "*purgatorium*" que se usa como "lugar ou estado especial de pena e expiação de almas depois da morte" está muito mais próximo de uma justiça divina do que o inferno.

A passagem bíblica citada para justificar o purgatório é 1Cor 3,14-15, mas para que possamos entendê-la devemos iniciar um pouco mais atrás, vejamos:

1Cor 3,9-17: *"Nós trabalhamos juntos na obra de Deus, mas o campo e a construção de Deus são vocês. Eu, como bom arquiteto, lancei os alicerces conforme o dom que Deus me concedeu; outro constrói por cima do alicerce. Mas cada um veja como constrói! Ninguém pode colocar um alicerce diferente daquele que já foi posto: Jesus Cristo. Se alguém constrói sobre o alicerce com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, capim ou palha, a obra de cada um ficará em evidência. No dia do julgamento, a obra ficará conhecida, pois o julgamento vai ser através do fogo, e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o alicerce resistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, que tiver sua obra queimada, perderá a recompensa. Entretanto, o operário se salvará, mas como alguém que escapa de incêndio. Vocês não sabem que são templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo são vocês".*

Entendamos: colocarmos nossa obra sobre os fundamentos de Cristo, ou seja, a aplicação que fazemos dos Seus ensinamentos. Um dia nós seremos submetidos a um julgamento "através do fogo", nesse julgamento se saberá de que é mesmo feito a nossa obra. Se a nossa parte, acrescentada ao fundamento da obra, for forte e de valor, receberemos uma recompensa, se ao contrário for fraca e sem valor perderemos a recompensa, mas mesmo assim isso não é o nosso fim, pois nos salvaremos como quem escapa de incêndio, ou seja, escaparemos por um triz, seremos "chamuscados", entretanto continuaremos vivos.

Podemos, então, interpretar que todos nós nos salvaremos mesmo que tenhamos que sofrer (chamuscados), o que para nós poderá ser simbolicamente um purgatório, nunca o inferno.

É necessário reafirmar: *"Vocês não sabem que são templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo são vocês"*. O que acontecerá se nessa condição de que *"somos o templo de Deus"* formos para o inferno eterno?

Em Mt 5,25-26: *"Se alguém fez alguma acusação contra você, procure logo entrar em acordo com ele, enquanto estão a caminho do tribunal; senão o acusador entregará você ao juiz, o juiz o entregará ao guarda, e você irá para a prisão. Eu garanto: daí você não sairá, enquanto não pagar até o último centavo"*, vemos que um dia sairemos da prisão, mas somente quando tivermos pago toda a dívida. Ora, isso não condiz com a ideia de inferno eterno, mas sim de um purgatório.

Outra passagem em que podemos ver essa questão é Sb 11,22-24: *"O mundo inteiro diante de ti é como grão de areia na balança, como gota de orvalho matutino caindo sobre a terra. Todavia, tu tens compaixão de todos, porque podes tudo, e não levas em conta os pecados dos homens, para que eles se arrependam. Tu amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criaste. Se odiasses alguma coisa, não a terias criado"*. Se Deus nos colocar no inferno onde fica a sua compaixão? Se não leva em conta os pecados para que nos arrependamos, no inferno isso acontecerá? Se Deus ama tudo o que existe e não despreza nada do que criou, se formos para o inferno isso se cumpre?

Vejamos agora em como Kardec distorce a ideia do purgatório cristão.

Em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec, intitula o capítulo V "O PURGATÓRIO". Vejamos o que fala nesse capítulo:

1. - O Evangelho não faz menção alguma do purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 593. É incontestavelmente um dogma mais racional e mais conforme com a justiça de Deus que o inferno, porque

estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis para as faltas de gravidade mediana.

O princípio do purgatório é, pois, fundado na equidade, porque, comparado à justiça humana, é a detenção temporária a par da condenação perpétua. Que julgar de um país que só tivesse a pena de morte para os crimes e os simples delitos? Sem o purgatório, só há para as almas duas alternativas extremas: a suprema felicidade ou o eterno suplício. E nessa hipótese, que seria das almas somente culpadas de ligeiras faltas? Ou compartilhariam da felicidade dos eleitos, ainda quando imperfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos, ainda quando não houvessem feito muito mal, o que não seria nem justo, nem racional.

2. - Mas, necessariamente, a noção do purgatório deveria ser incompleta, porque apenas conhecendo a penalidade do fogo fizeram dele um inferno menos tenebroso, visto que as almas aí também ardem, embora em fogo mais brando. Sendo o dogma das penas eternas incompatível com o progresso, as almas do purgatório não se livram dele por efeito do seu adiantamento, mas em virtude das preces que se dizem ou que se mandam dizer em sua intenção.

E se foi bom o primeiro pensamento, outro tanto não acontece quanto às consequências dele decorrentes, pelos abusos que originaram. As preces pagas transformaram o purgatório em mina mais rendosa que o inferno. (1).

3. Jamais foram determinados e definidos claramente o lugar do purgatório e a natureza das penas aí sofridas. A Nova Revelação estava reservado o preenchimento dessa lacuna, explicando-nos a causa das terrenas misérias da vida, das quais só a pluralidade das existências poderia mostrar-nos a justiça.

Essas misérias decorrem necessariamente das imperfeições da alma, pois se esta fosse perfeita não cometeria faltas nem teria de sofrer-lhe as consequências. O homem que na Terra fosse em absoluto sóbrio e moderado, por exemplo, não padeceria enfermidades oriundas de excessos. O mais das vezes ele é desgraçado por sua própria culpa, porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não resgatadas. Repara em uma vida de provações o que a outrem fez sofrer em anterior existência. As vicissitudes que experimenta são, por sua vez, uma correção temporária e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males e progredir para o bem. São para a alma lições da experiência, rudes às vezes, mas tanto mais proveitosas para o futuro, quanto profundas as impressões que deixam. Essas vicissitudes ocasionam incessantes lutas que lhe desenvolvem as forças e as faculdades intelectivas e morais. Por essas lutas a alma se retempera no bem, triunfando sempre que tiver denodo para mantê-las até ao fim. O prêmio da vitória está na vida espiritual, onde a alma entra radiante e triunfadora como soldado que se destaca da refrega para receber a palma gloriosa.

4. - Em cada existência, uma ocasião se depara à alma para dar um passo avante; de sua vontade depende a maior ou menor extensão desse passo: franquear muitos degraus ou ficar no mesmo ponto. Neste último caso, e porque cedo ou tarde se impõe sempre o pagamento de suas dívidas, terá de recomeçar nova existência em condições ainda mais penosas, porque a uma nódoa não apagada ajunta outra nódoa.

É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja das suas imperfeições, que se purga, em uma palavra, até que esteja bastante pura para deixar os mundos de expiação como a Terra, onde os homens expiam o passado e o presente, em proveito do futuro. Contrariamente, porém, à ideia que deles se faz, depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento e pureza atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. O livramento se dá, não por conclusão de tempo nem por alheios méritos, mas pelo próprio mérito de cada um, consoante estas palavras do Cristo: - A cada um, segundo as suas obras, palavras que resumem integralmente a justiça de Deus.

5. - Aquele, pois, que sofre nesta vida pode dizer-se que é porque não se purificou suficientemente em sua existência anterior, devendo, se o não fizer nesta, sofrer ainda na seguinte. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se for, da mesma forma por que tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto o

homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo.

6. - Devido às suas imperfeições, o Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual, sendo-lhe depois facultada a vida corporal como meio de reparação. É por isso que ele se acha nessa nova existência, quer com as pessoas a quem ofendeu, quer em meios análogos àqueles em que praticou o mal, quer ainda em situações opostas à sua vida precedente, como, por exemplo, na miséria, se foi mau rico, ou humilhado, se orgulhoso.

A expiação no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui duplo castigo para eles, porém um complemento, um desdobramento do trabalho efetivo a facilitar o progresso. Do Espírito depende aproveitá-lo. E não lhe será preferível voltar à Terra, com probabilidades de alcançar o céu, a ser condenado sem remissão, deixando-a definitivamente? A concessão dessa liberdade é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que o homem tudo deva aos seus esforços e seja o obreiro do seu futuro; que, infeliz por mais ou menos tempo, não se queixe senão de si mesmo, pois que a rota do progresso lhe está sempre franca.

7. - Considerando-se quão grande é o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, quanto é terrível a situação de outros, tanto mais penosa pela impotência de preverem o termo desses sofrimentos, poder-se-ia dizer que se acham no inferno, se tal vocábulo não implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Mercê, porém, da revelação dos Espíritos e dos exemplos que nos oferecem, sabemos que o prazo da expiação esta subordinado ao melhoramento do culpado.

8. - O Espiritismo não nega, pois, antes confirma, a penalidade futura. O que ele destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis. Não nega, outrossim, o purgatório, pois prova que nele nos achamos, e definindo-o precisamente, e explicando a causa das misérias terrestres, conduz à crença aqueles mesmos que o negam. Repele as preces pelos mortos? Ao contrário, visto que os Espíritos sofredores as solicitam; eleva-as a um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os conduzir ao bem e, por esse meio, abreviar-lhes os tormentos. (2) Falando à inteligência, tem levado a fé a muito incrédulo, inculcando a prece no ânimo dos que a escarneciam. O que o Espiritismo afirma é que o valor da prece está no pensamento e não nas palavras, que as melhores preces são as do coração e não dos lábios, e, finalmente, as que cada qual murmura de si mesmo e não as que se mandam dizer por dinheiro. Quem, pois, ousaria censura-lo?

9. - Seja qual for a duração do castigo, na vida espiritual ou na Terra, onde quer que se verifique, tem sempre um termo, próximo ou remoto. Na realidade não há para o Espírito mais que duas alternativas, a saber: - punição temporária e proporcional à culpa, e recompensa graduada segundo o mérito. Repele o Espiritismo a terceira alternativa, da eterna condenação. O inferno reduz-se a figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo termo é desconhecido. O purgatório, sim, é a realidade.

A palavra purgatório sugere a ideia de um lugar circunscrito: eis por que mais naturalmente se aplica à Terra do que ao Espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, e tanto mais quanto a natureza da expiação terrena tem os caracteres da verdadeira expiação.

Melhorados os homens, não fornecerão ao mundo invisível senão bons Espíritos; e estes, encarnando-se, por sua vez só fornecerão à Humanidade corporal elementos aperfeiçoados. A Terra deixará, então, de ser um mundo expiatório e os homens não sofrerão mais as misérias decorrentes das suas imperfeições. Aliás, por esta transformação, que neste momento se opera, a Terra se elevará na hierarquia dos mundos. (3)

10. - Mas, por que não teria o Cristo falado do purgatório? É que, não existindo a ideia, não havia palavra que a representasse. O Cristo serviu-se da palavra inferno, a única usada, como termo genérico, para designar as penas futuras, sem distinção. Colocasse ele, ao lado da palavra inferno, uma equivalente a purgatório e não poderia precisar-lhe o verdadeiro sentido sem ferir uma questão reservada ao futuro; teria, enfim, de consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno em sua concepção genérica, revelando a ideia de punição, encerrava, implicitamente, a do purgatório, que não é senão um modo de penalidade. Reservado ao futuro o esclarecimento

sobre a natureza das penas, competia-lhe igualmente reduzir o inferno ao seu justo valor.

Uma vez que a Igreja, após seis séculos, houve por bem suprir o silêncio de Jesus quanto ao purgatório, decretando-lhe a existência, é porque ela julgou que ele não havia dito tudo. E por que não havia de dar-se sobre outros pontos o que com este se deu?

(1) O purgatório originou o comércio escandaloso das indulgências, por intermédio das quais se vende a entrada no céu. Este abuso foi a causa primaria da Reforma, levando Lutero a rejeitar o purgatório.

(2) Vede O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXVII - "Ação da prece".

(3) Idem, cap. III - "Progressão dos mundos".

(KARDEC, 1995, p. 62-67)

Se colocar as coisas dentro de uma lógica razoável, sem que com isso deixemos de levar em conta a misericórdia e a justiça de Deus, é distorcer? Então preferimos distorcer, a ter que considerar Deus injusto e sem nenhuma compaixão.

16. A Revelação

Deus se revela ao homem em uma sequência de tempo: Deus-Pai, Jesus, e Espírito Santo.

O primeiro se revelou no Antigo Testamento, entregando as leis a Moisés.

Os dois últimos se revelam mais claramente no Novo Testamento:

Jesus, é revelado pelo próprio Pai:

"E do céu veio uma voz que dizia: "Este é o meu Filho amado, de quem eu me agrado". (Mt 4,17).

E é reconhecido como tal:

"Então ele perguntou-lhes: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Simão Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo". Em resposta, Jesus disse: "Feliz és tu, Simão filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue quem te revelou isso, mas o Pai que está nos céus. (Mt 16,15-17).

A Terceira Pessoa da Santíssima Trindade é também revelada no Novo Testamento, só que agora por Jesus Cristo:

"Eu pedirei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito, que estará convosco para sempre. Ele é o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis porque permanece convosco e está em vós. Não vos deixarei órfãos". (Jo 14, 15ss).

Realmente, Cristo não deixaria os apóstolos e sua Igreja órfãos por 1800 anos, esperando a "vinda dos espíritos para fazer a revelação a Allan Kardec".

Prossigamos. São João 16, 5ss:

"Convém a vós que eu vá. Pois, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se eu for, eu o enviarei a vós".

"A vós": os apóstolos, a Igreja nascente, não um indivíduo de outro século qualquer, seja ele Maomé, Allan Kardec, Reverendo Moon, Russel, ou qualquer candidato da espécie.

"Mas recebereis uma força, o Espírito Santo que virá sobre vós; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, até os confins da terra". Dizendo isto, elevou-se à vista deles e uma nuvem o ocultou a seus olhos". (At 1, 8-9).

"Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa em que estavam sentados. E viram, então, uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e foram pousar sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia. (At 2, 1-4).

O plano de Deus não admite lacunas: Javé - Cristo - Espírito Santo. Sem intervalos onde o homem ficaria abandonado a sua própria sorte.

No entanto, para os espíritos, a revelação só viria mais de 1800 anos depois de Cristo, com Allan Kardec, e não com o Espírito Santo!!!

Eis que paramos por aqui, mas poderíamos dar continuidade, falando de outras incomensuráveis divergências entre o Espiritismo e o Cristianismo: a criação da alma humana; repúdio aos privilégios de Maria Santíssima; ignorância da comunhão dos santos; não admissão do pecado original; contestação à graça divina; reprovação à Ressurreição; e desdenha pelo juízo final. Em uma palavra: renuncia a todo o credo cristão.

Em que consiste, pois, seu anunciado "cristianismo"? Tudo é simplesmente reduzido à aceitação de alguns princípios morais do Evangelho, tal como Allan Kardec aprendera em sua juventude, no Instituto de Pestalozzi, em Yverdun, na Suíça. Um Instituto protestante liberal onde, baseados na "livre interpretação da Bíblia", cada um deduzisse o que bem entendesse.

Para quem quiser se aprofundar mais sobre o tema, aconselhamos o livro "Espiritismo - Orientação para os católicos" de Frei Boaventura Kloppenburg, Edição Loyola, de onde, por sinal, tiramos farto material para este texto.

Autor: Cledson Ramos

Concordamos que Deus se revela na sequência do tempo, entretanto, após dezenove séculos da morte de Jesus, nada mais foi revelado, pois se tivesse sido deveria forçosamente constar da Bíblia, já que é o livro das revelações, entretanto estranhamente ela está fechada para novas revelações.

Paulo Alves Godoy, no livro *Casos Controvertidos do Evangelho*, traz um esclarecimento, muito oportuno, sobre o Dia de Pentecostes, vejamos:

Algumas teologias corroboram a promessa que, com a explosão mediúnica do Dia de Pentecostes, cumpriu-se de Jesus, somente com a diferença de que, em vez de uma falange de Espíritos Puros, as teologias proclamam que foi a descida do Espírito Santo. Cumpre aqui esclarecer que, naquele tempo, não se falava em Espírito Santo, mas em Espírito de Deus, Santo Espírito e "Spiritum Bonum".

A crucificação de Jesus Cristo ocorreu na véspera da Páscoa, ou 50 dias antes do Dia de Pentecostes.

Segundo o livro dos Atos dos Apóstolos, os Espíritos manifestantes passaram a apregoar os ensinamentos de Jesus em outros idiomas. Esses ensinamentos já eram do conhecimento dos apóstolos e de muitos dos discípulos presentes, não se acrescentando nenhuma novidade no que tange à revelação cristã.

Se algumas semanas ou meses antes, os apóstolos não estivessem preparados para compreender novos ensinamentos, como o poderiam estar em tão curto espaço de tempo?

Segundo a pregação do apóstolo Pedro, o que aconteceu no Dia de Pentecostes foi o cumprimento do vaticínio do profeta Joel, de que 'o Espírito seria derramado sobre toda a carne'. Nesse dia, línguas repartidas, como se fossem de fogo, pousaram sobre a cabeça dos apóstolos, desenvolvendo suas mediunidades principalmente a poliglota, possibilitando-lhes as pregações dos ensinamentos do Mestre em outras línguas, principalmente aos estrangeiros de várias nações, que estavam em Jerusalém.

Nada de descida do Espírito Santo. O que aconteceu foi o desenvolvimento coletivo da mediunidade dos apóstolos, desrespeitando, assim, até a ordenação de Moisés, que proibia o intercâmbio entre Espíritos encarnados e desencarnados; pelo contrário, este fato provou que esse entrelaçamento entre os dois mundos – o visível e o invisível – sempre ocorreu em todas as épocas da Humanidade.

O advento do Consolador, ou do Espírito de Verdade, aconteceu realmente, mais foi quase 20 séculos após, com a revelação do Espiritismo, numa época em que a Humanidade já estava preparada para assimilar novas verdades, e quando podiam ser derrubados os dogmas e as deturpações que foram agregados ao Cristianismo no decurso dos séculos. (GODOY, 1993, p. 159-160).

Jesus certa feita disse: "*Eu estarei convosco todos os dias, até o fim dos tempos*" (Mt 28,20) é o que acreditamos, ou seja, que Ele nunca nos abandonou. Deve-se entender por "nos" toda a Humanidade não somente aos que dirigia a palavra, já que sua doutrina é

universalista.

Temos afirmado que os homens ainda pensam “muito pequeno” em relação a Deus. Somente após observar bem o céu tentando imaginar a grandeza do Universo infinito é que poderemos ter uma tênue ideia da incomensurável grandeza do seu Criador. Se depois disso, ainda pensamos que Deus possa ser um Ser que parece ter como única ocupação os habitantes da Terra, é porque ainda não entendemos a sua grandeza. Faltando-nos ainda a capacidade de imaginarmos o infinito, colocamos Deus como se fosse praticamente o Deus somente da Terra.

Temos um pensamento, e comungado por alguns amigos, que Deus não perdoa. Sabe por que? É porque Ele não se ofende? Será que dá para se entender isso? Como pode um ser infinitamente insignificante conseguir ofender a um Ser de magnitude inimaginável?

O articulista tenta outra vez denegrir a imagem de Kardec, colocando como se fosse o responsável por mais essa revelação divina – o Espiritismo. Deixemos Kardec, falar:

Em começando, digo que sou o representante da Doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter chamarão naturalmente a vossa atenção sobre um ponto essencial que talvez não se tenha suficientemente considerado até o presente. Certamente, vendo a rapidez dos progressos desta Doutrina, haveria mais glória em me dizer dela o criador; meu amor-próprio nisso encontraria sua conta; mas não deve fazer minha parte maior do que ela o é; longe de lamentá-lo, disso me felicito, porque então a Doutrina não seria senão uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia a sua autoridade. Ela poderia ter partidários, talvez fazer escola, como muitas outras, mas seguramente não teria podido adquirir, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Aí está um fato capital, senhores, e que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria natureza, nos fatos positivos, que se produzem a cada instante sob nossos olhos, mas dos quais não se supunha a origem. É, pois, um resultado da observação, uma ciência, em uma palavra: a ciência das relações do mundo visível e do mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que toma lugar, estejais disto convencidos, ao lado das ciências **positivas**. Disse **positivas**, porque toda ciência que repousa sobre os fatos é uma ciência positiva e não puramente especulativa.

[...].

Se os detratores do Espiritismo – falo daqueles que militam para o progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos – conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, a sua importância e seus resultados inevitáveis, em lugar de abafá-lo como o fazem, de lançar sem cessar entraves em seu caminho, nele veriam a mais poderosa alavanca para chegar à destruição dos abusos que combatem; em lugar de lhe serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial; infelizmente, a maioria crê mais neles do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e apesar deles, e a irresistível força do Espiritismo nisso será tanto melhor constatada quanto tiver tido mais a combater. Um dia dir-se-á deles, e isso não será à glória, o que dizem eles mesmos daqueles que combateram o movimento da Terra e daqueles que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições, não impediram essas leis naturais de seguir o seu curso; do mesmo modo todos os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual que é também uma lei da Natureza.

[...].

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual é preciso encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Não foi nem o de inventor, nem o de criador; eu vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as consequências; eis toda a parte que nisso me toca; o que fiz, um outro poderia ter podido fazê-lo em meu lugar. Em tudo isso fui um simples instrumento dos desígnios da Providência, e dou graças a Deus e aos bons Espíritos por terem consentido em se servirem de

mim; é uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforço para me tornar digno, rogando a Deus me dar as forças necessárias para cumpri-la segundo a sua vontade. No entanto, esta tarefa é pesada, mais pesada do que ninguém pode crer; se ela tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não ter recuado diante de nenhum obstáculo, nem de nenhum sacrifício; essa será a obra de minha vida até meu último dia, porque diante de um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam, como os pontos diante do infinito. (KARDEC, 1993f, p. 324-328).

E, para completar, vejamos uma resposta dada por Kardec a um padre, conforme podemos ler no livro *O que é o Espiritismo*:

Errais, meu amigo, em não sair do vosso ponto de vista e em considerar sempre a Igreja como o único critério dos conhecimentos humanos.

Se o Cristo disse a verdade, o Espiritismo não podia dizer outra coisa, e em vez de por isso apedrejá-lo, deve-se acolhê-lo como poderoso auxiliar, que vem confirmar, por todas as vozes do Além-Túmulo, as verdades fundamentais da religião, combatidas pela incredulidade.

Que o materialismo o combata, explica-se facilmente; mas que a Igreja se ligue ao materialismo contra ele, é um fato menos concebível. Igualmente inconsequente é ela quando qualifica de demoníaco um ensino que se apoia sobre a mesma autoridade e que proclama a missão divina do fundador do Cristianismo.

O Cristo teria dito, teria revelado tudo? Não; visto que ele próprio disse: "Eu teria ainda muitas coisas a dizer-vos, mas vós não podeis compreendê-las, é por isso que eu vos falo em parábolas".

O Espiritismo vem hoje, época em que o homem está maduro para compreendê-lo, completar e explicar o que o Cristo propositadamente não fez senão tocar, ou não disse senão sob a forma alegórica. Direis, sem dúvida, que à Igreja competia dar essa explicação. Mas, qual delas? A romana, a grega ou a protestante? Como não estão elas de acordo, cada uma explicaria a seu modo e reivindicaria o privilégio de dar essa explicação. Qual delas conseguiria arrebanhar todos os dissidentes?.

Deus, que é sábio, prevendo que os homens iriam nela enxertar suas paixões e prejuízos, não lhes quis confiar o cuidado desta nova revelação: deu-a aos Espíritos, seus mensageiros, que a proclamaram por todos os pontos do globo, fora dos limites particulares de qualquer culto, a fim de que ela possa aplicar-se a todos, e nenhum a transforme em objeto de exploração.

Por outro lado, os diversos cultos cristãos não se terão, em coisa alguma, apartado do caminho traçado pelo Cristo? Seus preceitos de moral serão escrupulosamente observados? Não se lhe têm desnaturado as palavras, a fim de que possam servir de apoio à ambição e às paixões humanas, quando elas lealmente condenam isso?.

Ora, o Espiritismo, pela voz dos Espíritos enviados de Deus, vem chamar, à estrita observância de seus preceitos, aqueles que dela se arredam; será por isso que o qualificam de obra satânica?.

Vós vos iludis dando o nome de *seitas* a algumas divergências de opiniões relativas aos fenômenos espíritas. Não é de admirar que no começo de uma ciência, quando ainda as observações eram incompletas para muitos, tenham surgido teorias contraditórias; essas teorias, porém, repousam sobre pontos de minúcias e não sobre o princípio fundamental. Podem constituir *escolas* que expliquem certos fatos a seu modo, porém, não são seitas, como não o são os diferentes sistemas que dividem os sábios nas ciências exatas: em medicina, em física, etc. Riscai, pois, a palavra seita, que é imprópria ao nosso caso.

A quantas seitas não tem o Cristianismo dado nascimento, desde a sua origem? Por que não teve bastante poder a palavra do Cristo para impor silêncio a todas as controvérsias? Por que é ela suscetível de interpretações que ainda hoje dividem os cristãos em diferentes igrejas, pretendendo todas elas possuir exclusivamente a verdade necessária à salvação, detestando-se intimamente e anatematizando-se em nome do seu divino Mestre, que não pregou senão o amor e a caridade?.

Fraqueza dos homens, direis vós. Seja; então, como quereis que o Espiritismo triunfe subitamente dessa fraqueza, transforme a Humanidade como

por encanto?

Vamos à questão das utilidades. Dizeis que o Espiritismo nada revela de novo. É um erro: ele ensina, ao contrário, muito àqueles que não se limitam a um estudo superficial. Não fizesse ele mais que substituir a máxima: Fora da caridade não há salvação, que reúne os homens, àquela: Fora da Igreja não há salvação, que os divide, para que a sua vida marcasse uma nova era à Humanidade.

Dissestes que se podia passar sem ele; concordo, como também se podia passar sem muitas descobertas científicas. Os homens certamente viviam bem, antes da descoberta de todos os novos planetas, antes que se tivesse calculado os eclipses, antes que se conhecesse o mundo microscópico e cem outras coisas; o camponês, para viver e fazer germinar o trigo, não tem necessidade de saber o que é um cometa, e, entretanto, ninguém nega que todas essas coisas alargam o círculo das ideias e nos fazem compreender melhor as leis da Natureza.

Ora, o mundo dos Espíritos é uma dessas leis que o Espiritismo nos faz conhecer; ele nos ensina a influência que esse mundo exerce sobre o corpóreo. Suponhamos que a isso se limitasse a sua utilidade, já não seria muito a revelação de tal potência?

Vejam, agora, a sua influência moral. Admitamos que ele nada ensine, sob este ponto de vista; qual o maior inimigo da religião? O materialismo, porque o materialista não crê em coisa alguma; ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, que já não tem razão de ser. Não é mais pelo raciocínio, pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo se acaba com o corpo; é pelos fatos que se lhe mostram visíveis e palpáveis. Não será isso um pequeno serviço prestado à Humanidade e à religião? Porém não é ainda tudo: a certeza da vida futura, o quadro vivo daqueles que nos precederam nela, mostram a necessidade do bem e as consequências inevitáveis do mal. Eis por que, sem ser uma religião, o Espiritismo se prende essencialmente às ideias religiosas, desenvolve-as naqueles que não as possuem, fortifica-as nos que as têm incertas.

A religião encontra, pois, um apoio nele, não para as pessoas de vistas estreitas, que a veem integralmente na doutrina do fogo do inferno, na letra mais que espírito, mas para aqueles que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus.

Em uma palavra, o Espiritismo engrandece e eleva as ideias; combate os abusos engendrados pelo egoísmo, a cobiça, a ambição; mas quem terá a coragem de defendê-los e se declararem seus campeões? Se ele não é indispensável à salvação, facilita-a firmando-nos no caminho do bem. Além disso, que homem sensato ousará avançar que a falta de ortodoxia é mais repreensível, aos olhos de Deus, que o ateísmo ou o materialismo?. (KARDEC, 2001b, p. 144-148).

Concluindo, não vemos nenhuma razão para tantos ataques ao Espiritismo, nós não estamos aqui para conquistar fiéis de qualquer uma das religiões existentes, nós não as temos como adversárias, nós só queremos ter o direito de seguir os ensinamentos de Jesus da forma com que nós os compreendemos, não como querem nos impor, nós fazemos da caridade a máxima maior para se aplicar, será que por tudo isto que fazemos ainda estamos errados? Estamos contrariando o que Jesus pregou? Mostre-nos e mudaremos a maneira de agir. Mas, por favor, não nos venham com dogmas, sacramentos ou coisas do gênero.

Arthur Conan Doyle, em *A Nova Revelação*, faz uma colocação, que no mínimo, deveria ser seguida, por aqueles que dizem usar de sua inteligência:

Contudo, muito estimulada fora a minha curiosidade, de sorte que continuei a ler todos os livros que me vinham às mãos, referentes ao assunto. Causou-me espanto notar que muitos homens eminentes, cujos nomes figuravam na vanguarda da ciência, se achavam inteiramente convencidos de que o espírito independe da matéria e lhe sobrevive. Enquanto considerei o Espiritismo como uma ilusão vulgar dos ignorantes, pude tratá-lo com desprezo. Desde que, porém, o vi amparado por sábios como Crookes, que eu sabia o maior químico da Inglaterra, por Wallace, o rival de Darwin, e por Flammarion, o mais conhecido dos astrônomos, já me não foi possível desprezá-lo. (DOYLE, 1980, p. 45)

E como ponto final, citamos novamente Kardec, em *A Gênese*, que diz:

Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que renunciemos a ele para seguir-vos, dai, pois, mais e melhor do que ele; curai, com maior segurança, as feridas da alma. Daí mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, certezas maiores; fazei do futuro um quadro mais racional, mais, sedutor; mas não penseis destruí-lo, vós, com a perspectiva do nada; vós, com a alternativa das chamas do inferno ou da beata e inútil contemplação perpétua. (KARDEC, 1993a, p. 32).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abr/2003.

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
 Bíblia de Jerusalém. nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Sagrada, Edição Barsa, Catholic Press, 1965.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impr. São Paulo: Paulus, 2001..
 Bíblia Sagrada. 37ª ed; São Paulo: Paulinas, 1980.
 Bíblia Sagrada. 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.
 Bíblia Sagrada. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
 CD-ROM: Livros Sagrados 2 – Ed. Europa.
 Novo Testamento, LEB. São Paulo: Loyola, 1984.
 ALMEIDA, J. S. *Origem e Desenvolvimento do Cristianismo*. São Paulo: Camille Flammarion, 2002.
 AMDRADE, J. *O Espiritismo e as Igrejas Reformadas*. Salvador, SEDA, 1997.
 CAZETTA, A. P. *Memórias do Padre Vítor*. Londrina: Leopoldo Machado, 2001.
 CHAVES, J. R. *A Face Oculta das Religiões*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
 DELANNE, G. *O Fenômeno Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
 DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987b.
 DENIS, L. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987a.
 DENIS, L. *Síntese doutrinária e prática do Espiritismo*. Juiz de Fora, MG: Instituto Maria, s/d.
 DOYLE, A. C. *A História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1995.
 DOYLE, A. C. *A Nova Revelação*. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
 GODOY, P. A. *Casos Controvertidos do Evangelho*. São Paulo: FEESP, 1993.
 KARDEC, A. *A Gênese*. Araras, SP: IDE, 1993a.
 KARDEC, A. *O Céu e Inferno*. Araras, SP: IDE, 1995.
 KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Araras, SP: IDE, 1987.
 KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001b.
 KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Araras, SP: IDE, 1993e.
 KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001a.
 KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993b.
 KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000.
 KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993c.
 KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993f.
 KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993d.
 LETERRE, A. *Jesus e sua Doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600 anos*. São Paulo: Madras, 2004.
 MIRANDA, C. M. *Os Cátaros e a Heresia Católica*. Niterói, RJ: Lachâtre, 2002.
 MIRANDA, H. C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. Matão, SP: O Clarim, 1988.
 NETO SOBRINHO, P. S. *A Bíblia à Moda da Casa*. Divinópolis, MG: Panorama Espírita, 2006.
 NUNES FILHO, A. D. *Razão e Dogma*. Matão, SP: O Clarim, 1995.
 PIRES, J. H. *Revisão do Cristianismo*. São Paulo: Paidéia, 1996.
 ROHDEN, H. *Lampejos Evangélicos*. São Paulo: Martin Claret, 1995.
 SILVA, S. C. *Analisando as traduções bíblicas*. João Pessoa, PB: Idéia, 2001.
 SABINO, M. Um adeus com dor. in *VEJA*, ed. 1899, São Paulo: Abril, 06/04/2005, p. 88-101.